



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**SUDESTINOS NOS JORNAIS DO GRUPO FOLHA:  
UMA ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS**

**MATHEUS ANTONIO FONTES DANTAS**

Rio de Janeiro

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**SUDESTINOS NOS JORNAIS DO GRUPO FOLHA:  
UMA ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social - Jornalismo.

**MATHEUS ANTONIO FONTES DANTAS**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivana Bentes Oliveira**

**Coorientadora: Viviane Rodrigues Gomes**

Rio de Janeiro

2021

## FICHA CATALOGRÁFICA

DANTAS, Matheus Antonio Fontes.

Sudestinos nos jornais do grupo Folha: Uma análise das ocorrências. Rio de Janeiro, 2021.

Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo),  
Escola de Comunicação - ECO -, Universidade Federal do Rio de  
Janeiro - UFRJ.

Orientadora: Ivana Bentes Oliveira

Coorientadora: Viviane Rodrigues Gomes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Sudestinos nos jornais do grupo Folha**, elaborada por Matheus Antonio Fontes Dantas.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 30/03/2020

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ivana Bentes Oliveira  
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Fundamentos da Comunicação – UFRJ

Coorientadora: Viviane Rodrigues Gomes  
Mestranda em Comunicação e Cultura na ECO - UFRJ

Chalini Torquato Gonçalves de Barros  
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia - UFBA  
Departamento de Métodos e Áreas Conexas – UFRJ

Fernanda Ariane Silva Carrera  
Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense - UFF  
Departamento de Métodos e Áreas Conexas – UFRJ

Rio de Janeiro

2021



Em 30 de março de 2021 esteve reunida a Banca Examinadora composta pelas seguintes **professoras examinadoras** Chalini Torquato Gonçalves de Barros, Fernanda Ariane Silva Carrera e por Ivana Bentes Oliveira, como **professora orientadora** e Viviane Rodrigues Gomes, como **co-orientadora**, além do **aluno** Matheus Antonio Fontes Dantas, (DRE nº 117053528) do curso de Comunicação Social, habilitação em **JORNALISMO** que apresentou o projeto experimental sobre o tema Sudestinos nos jornais do grupo folha: uma análise das ocorrências.

Avaliado o trabalho, a Banca atribuiu grau 10 ao Projeto Experimental do aluno. Nada mais havendo a observar fica lavrada a presente ata que vai datada e assinada pela Banca e pelos alunos.

Rio de Janeiro, 30 de Março de 2021.

Professora Examinadora

Professora Orientadora

Professora Examinadora

Co-Orientadora

Aluno

À Carlúcia e a Mateus, que mesmo nos momentos mais difíceis permitiram que Matheus, Yves e Francisco sonhassem.

## AGRADECIMENTOS

Primeiro a Èsù, por ter aberto os caminhos e permitido que eu atravessasse boa parte das encruzilhadas com sabedoria e respeito.

Por ser o primeiro da minha família a entrar e cursar uma universidade pública e gratuita, agradeço aos que vieram antes de mim e acreditaram no projeto que me trouxe até aqui.

Esse trabalho não existiria sem o apoio e os conselhos dos nordestinos Pedro e Bruno e dos sudestinos Huri, Aline e Marcos.

Essa graduação não seria possível sem o apoio dos meus pais, irmãos, Elvis, Igor, Carol, João, Gabriela, Tati, Uly, Tiago e Lucas.

Agradeço também aos meus amigos de graduação que tornaram esses quatro anos momentos para guardarmos para sempre: Alceu, Bea, Caio, Mafe, Rachel e Lorryne; aos meus amigos e amigas do Pontão de Cultura Digital da ECO, refúgio em diversos momentos na Universidade: Jeff, Vivi, Andrey, Matheuz, Brenda, Luiz, Thadeu, Allana, Lucas, Lia, Ig, Pedro, Carol e Lori e a Gabriela e Luana do povo forte batalhador, grupo multidisciplinar e supra universitário de estudos de identidade e raça.

A Armando, Douglas, Gabriel, Sávio e Yuri pela ajuda na análise dos textos da seção de Esporte.

Às minhas orientadoras, que acreditaram e me incentivaram a continuar e a trabalhar.

“A liberdade requer visibilidade, mas para que isso aconteça, faz-se necessário um mundo de outros. Esquivar-se do mundo é uma ladeira escorregadia que, no final das contas, leva à perda de si” (FANON, 2008).



DANTAS, Matheus Antonio Fontes. **Sudestinos nos jornais do grupo Folha: Uma análise das ocorrências**. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivana Bentes Oliveira. Coorientadora: Viviane Rodrigues Gomes. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2021.

## RESUMO

Este trabalho insere-se no campo da representação social e da comunicação ao tratar de como os jornais do grupo de maior audiência impressa e *online* do Brasil referem-se a um conjunto de pessoas ou objetos da região Sudeste com o gentílico *sudestino*. Apesar de pouco utilizado - menos de vinte ocorrências foram encontradas - o trabalho busca analisá-los pressupondo que a imprensa auxilia na construção da realidade social e acaba apontando em seus textos, na maior parte das vezes, somente o que ela vê como diferente: o outro que não faz parte do seu meio. Pensando nisso, ao longo do trabalho é debatido o papel dos veículos de comunicação brasileiros na estereotipização e na construção de imagens regionais a partir do contraste entre as poucas ocorrências da palavra *sudestino* e as milhares da palavra *nordestino* encontradas nas edições dos jornais.

**Palavras-chave:** Representação; Folha de S. Paulo; Sudestino; Realidade Social; Nordeste.

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	1
<b>2. A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL</b>	5
<b>3. O JORNALISMO COMO CONSTRUTOR DA REALIDADE</b>	8
3.1. Sudestinos na esfera pública	10
3.2. Analisando o jornalismo e a esfera pública	13
<b>4. QUEM FALA NO JORNALISMO BRASILEIRO</b>	14
4.1. Onde estão os veículos de comunicação	14
4.2. Quem são os veículos de comunicação	16
<b>5. O OUTRO INVENTADO</b>	21
5.1. Ele não é daqui	21
5.2. A imprensa criando o outro	22
5.3 Criando o Nordeste	23
<b>6. SUDESTINOS NOS JORNAIS DO GRUPO FOLHA</b>	26
6.1. Ocorrências do termo sudestino nos jornais do grupo folha	27
6.1.1. Sem referência ao Sudeste brasileiro	27
6.1.2. Referindo-se ao Sudeste brasileiro	28
<b>7. CONCLUSÃO</b>	40
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	42
<b>APÊNDICE A - QUADRO RESUMO DAS OCORRÊNCIAS</b>	
<b>ANEXO A - DESCRIÇÃO DAS EDITORIAS E SEÇÕES DO GRUPO FOLHA</b>	

## 1. INTRODUÇÃO

A representação é uma das formas mais comuns de estereotipização. Para facilitar o entendimento, e não ser necessário discorrer ou listar todas as características de uma pessoa ou de um objeto toda vez em que ele é mencionado, recorreremos ao artifício de agrupar essas características em alguns adjetivos (ou gentílicos) e presumir que o leitor entenda o significado de uma determinada expressão ter sido utilizada. Por exemplo, quando eu afirmo que o senhor Yuri é japonês, quais as características que você imagina sobre ele (além do seu nome ser Yuri)? Você imagina que ele possui semelhanças com você? E as diferenças, quais são? São muitas?

Desde que entrei na faculdade de Comunicação Social, diversos assuntos me atravessaram enquanto pardo sergipano vivendo no Rio de Janeiro. Uma das encruzilhadas<sup>1</sup> em que o conhecimento acadêmico aliado às vivências fora do meu local de nascimento me colocou, e me fez ter noção, é a forma distante e homogênea como a grande mídia nacional, produzida principalmente no Sudeste, apresenta a região Nordeste em seus produtos.

Ainda morando em Sergipe, esse desconforto não existia. Era cômodo ser estereotipado por forró, belas praias, comida boa e povo hospitaleiro durante contato com pessoas fora da região. Até aí, eu não conhecia o restante da região Nordeste e das suas potências. O incômodo aparece com o reforço teórico que tive no início da faculdade sobre como a mídia é constituída, quem a controla, de que ela se alimenta para fazer suas produções<sup>2</sup> e como essas produções se utilizam de uma cadeia produtiva do espetáculo para afetar a vida das pessoas<sup>3</sup>.

Os veículos midiáticos são parte importante na manutenção dos estereótipos e de uma identidade simbólica. Quem cria e edita os produtos midiáticos acaba definindo o que entregar e como falar sobre um determinado povo ou objeto para a sua audiência. Concentrada na região Sudeste brasileira, a comumente chamada Grande Mídia homogênea, desde o início do século passado, os nove estados da região Nordeste em diversas características que muitas vezes se contradizem. A mesma região que é apresentada

---

<sup>1</sup> Encruzilhada é um termo que se refere aos múltiplos cruzos epistêmicos que são necessários para dar conta da formação do Brasil e sua cultura. É uma forma de realizar pesquisa acadêmica que fuja dos binarismos e tente dar conta da complexidade dos fatos sociais. (RUFINO, 2019).

<sup>2</sup> KLAPPER, 1978; ADORNO; HORKHEIMER, 1985; NOELLE-NEUMANN, 1993; PINTO, 2013; MORAES, 2013.

<sup>3</sup> (DANTAS, 2011).

como um lugar seco e pobre na editoria de Política, costuma aparecer na editoria de Turismo como um lugar paradisíaco com belas praias.

O cangaço, atrelado à pobreza e à *não-civilização*, foi uma das primeiras características atribuídas ao Nordeste pela imprensa no início do século XX. Para os jornais sudestinos, o *Norte* era o exemplo do que o *Sul* não deveria ser, a ideia de sociedade atrasada que a nova República não poderia incorporar<sup>4</sup>.

É a partir desse olhar homogeneizador que a imprensa tem sobre a segunda maior região do país que nasce este trabalho. Ao mesmo tempo em que as regiões Sul, Norte e Nordeste do Brasil tem gentílicos conhecidos, sulista, nortista e nordestino, respectivamente, o questionamento que norteia esta monografia é: Por que os habitantes da região mais populosa não são chamados de *sudestinos*?

Ao longo deste trabalho busco entender o motivo desse gentílico não ser comumente usado. Ele não aparece em dicionários e a produção acadêmica que o menciona é escassa. Buscas nos acervos online dos três jornais de maior circulação no Brasil<sup>5</sup> - *Folha de S. Paulo* (SP), *O Globo* (RJ) e *O Estado de São Paulo* (SP) - retornam 87 ocorrências da palavra *sudestino* em todas as edições até dezembro de 2020.

Mas não é somente os dicionários, a academia e os jornais que podem criar e/ou repercutir termos. A esfera pública hoje em dia se estende para as redes sociais e *sudestino* parece ser mais utilizado nelas: entre 2008 e maio de 2020, mais de 25 mil postagens no twitter mencionaram o termo, a maioria delas em épocas de eleições presidenciais e após ataques aos moradores do Nordeste.<sup>6</sup>

Nesta monografia vou analisar o que as páginas de todas as edições do jornal do grupo Folha<sup>7</sup> quiseram falar nos 18 textos em que o termo *sudestino* foi mencionado. Esse número é 1.430 vezes menor que as 28.590 ocorrências do termo *nordestino* nas mesmas edições. Não que a Folha mencione mais os nordestinos em suas páginas, mas ao se referir a uma pessoa ou objeto de um dos estados do Sudeste, o jornal costuma utilizar o gentílico nacional, *brasileiro(a)*, ou o estadual, *capixaba*, *carioca*, *mineiro* ou *paulista*.

Apesar de outros jornais terem o acervo online com suas edições disponíveis para os assinantes, os jornais do grupo Folha foram escolhidos para esta pesquisa por ter um dos

---

<sup>4</sup> (Albuquerque Jr., 1999).

<sup>5</sup> Dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) - Cedidos gentilmente para uso acadêmico.

<sup>6</sup> (MEIRELLES, DANTAS, 2021).

<sup>7</sup> *Folha da Manhã* (1925-1959), *Folha da Tarde* (1949-1959), *Folha da Noite* (1921-1959) e *Folha de S. Paulo* (1960-2020).

produtos mais lindos do Brasil nos últimos 21 anos (2000-2020), o jornal a *Folha de S. Paulo*<sup>5</sup>.

No próximo capítulo, vou fazer um breve estudo sobre alguns autores dos campos da Sociologia, Psicologia e Comunicação, como Durkheim, Moscovici e Hall, que investigam aspectos da representação a partir da construção da realidade social.

No terceiro capítulo, apresentarei trabalhos em que são discutidos o papel do jornalismo na criação da realidade social ao estereotipar e apresentar suas próprias verdades e como elas se tornam parte dos *mitos* de uma sociedade. Faço também uma análise qualitativa de todas as vezes em que os gentílicos regionais e estaduais do Nordeste e do Sudeste foram citados nas edições dos três jornais de grande circulação do país. Nas outras seções do terceiro capítulo mostro como a linguagem pode ser utilizada para produzir um discurso e apresento Foucault (2013), Ferreira (2006) e Veron (1983) ao falar da Análise do Discurso, trazendo ferramentas para analisar textos jornalísticos.

No quarto capítulo, mostrarei o panorama sobre o jornalismo brasileiro. Cruzando os dados do Atlas da Notícia 2019 com os do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), vou apresentar onde estão os veículos de comunicação com as maiores audiência do país, quem são eles, quais os meios que eles utilizam para entregar a informação e onde estão as cidades que não têm nenhum veículo noticioso, os chamados *desertos de notícia*.

No quinto capítulo vou mostrar como as relações de poder, ao apontar o outro e diferenciá-lo, faz parte da nossa natureza como indivíduos sociais de demarcar a nossa identidade. Apresentarei qual o papel da imprensa na delimitação dessa identidade do outro e como Albuquerque Jr. (1999) mostra que o Nordeste foi criado a partir de relatos na imprensa no início do século passado, que ao mesmo tempo precisava diferenciar o Brasil que estava se tornando moderno, da parte ao Norte que sofria com as secas.

No sexto e sétimo capítulos explicarei como fiz a análise dos textos e vou apresentar as ocorrências do termo *sudestino* ao longo de quase 100 anos do Grupo Folha. O termo aparece 19 vezes em 18 textos dos jornais que compõe o grupo e para além da análise quantitativa, vou descrevê-los com informações como o mês em que eles foram publicados, a editoria, sua autora (se identificada), a naturalidade de quem citou o termo e outros aspectos que orientam o estudo para entender quem cria, de onde fala e como a inserção do termo *sudestino* na escrita ajuda na compreensão e no avanço do texto jornalístico.

Nos Apêndices deste trabalho vai ser possível conferir os trechos em que o termo *sudestino* aparece e informações mais detalhadas contextualizando temporalmente os textos e seus autores.

O objetivo geral deste trabalho é dar insumos para futuras pesquisas que queiram comparar a racialização do termo *nordestino* na comunicação, ao estudar especificamente e entender como o termo *sudestino* foi utilizado nos jornais do Grupo Folha (*Folha da Manhã*, *Folha da Noite* e *Folha de S. Paulo*).

Toda essa pesquisa acaba se tornando importante por retirar o papel do nordestino como objeto a ser estudado e colocar no foco o contraposto da representação. O termo *Sudestino* vem sendo utilizado nas redes sociais de uma forma crítica, ao delimitar o espaço de quem sempre fala mas que nunca é falado e neste trabalho tento entender de que formas um grande veículo de comunicação discursa ao reconhecer uma outra identidade além da que ele comumente aponta, reconhecer a sua própria identidade.

## 2. A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL

A construção de uma sociedade prevê a criação de mitos em comum. Uma crença numa realidade, não necessariamente única, mas que seja compreendida e aceita por boa parte das pessoas que compõem aquela comunidade. Essa realidade comum é criada sobre “um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social” (WAGNER, 1998, p. 3).

O estudo da construção da realidade social intersecciona vários campos de conhecimento e saberes, principalmente o da psicologia social. Uma revisão bibliográfica de João Wachelke e Brígido Camargo (2007) mostra que a teoria das representações sociais é uma forma sociológica de psicologia social (Farr, 1998) e que “é uma teoria científica sobre os processos através dos quais os indivíduos em interação social constroem explicações sobre objetos sociais” (VALA, 1996, apud WACHELKE; CAMARGO, 2007).

Nesse campo, Serge Moscovici é um dos autores mais conhecidos. Durante 40 anos, o romeno investigou como as pessoas transformam conhecimento em senso comum e quais as contribuições da área da psicologia social para as ciências sociais (SANTOS, 2010). Foi a partir daí que o termo passou de representação coletiva para representação social, a fim de ressaltar uma mudança de postura, de conceito para fenômeno (WACHELKE; CAMARGO, 2007). Essas primeiras reflexões sobre a construção de mitos e de representação social serão importantes para a discussão que se construirá a seguir.

Ubiratan Alencar Jr. (2015, p. 27), ao analisar as representações sobre o Nordeste brasileiro no programa de TV *Profissão Repórter*, evidencia que é Moscovici (2003) quem traz a ideia que segundo a qual “a definição de uma palavra, em um dicionário, por exemplo, tem o poder de classificar indivíduos e, ao mesmo tempo, tecer teorias implícitas sobre ele, bem como a capacidade de gerar uma imagem física deste indivíduo”. Para isso, o autor europeu parte do conceito sobre representações coletivas de Durkheim (1978), onde o “conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade formam um sistema determinado com vida própria” (DURKHEIM, 1978, p. 40). Em suas palavras:

Durkheim [...] possui uma concepção bastante estática dessas representações. Como consequência, representações, em sua teoria, são como o adensamento da neblina, ou, em outras palavras, elas agem como suportes para muitas palavras ou idéias – como as camadas de um ar estagnado na atmosfera da sociedade. (MOSCOVICI, 2003, p. 47)

É na visão trazida no início desse capítulo, da necessidade do conhecimento se manter coeso para que uma sociedade exista, que o estudo da sociologia, devedora de Durkheim (1975), é orientado. “É dentro desta perspectiva que as representações coletivas assumem sua significância sociológica para Durkheim; seu poder de abrigar, ajuda a integrar e a conservar a sociedade”, apontou Gerard Duveen (2003, p. 14) na introdução do livro “Representações Sociais”, de Moscovici (2003), autor que oferece outra visão para a ideia de Durkheim ao afirmar que, embora não refute totalmente o autor,

O que é mais chocante ao observador contemporâneo é seu caráter móvel e circulante; em suma, sua plasticidade. Mais: nós as vemos como estruturas dinâmicas, operando em um conjunto de relações e de comportamentos que surgem e desaparecem, junto com as representações. É o mesmo que aconteceria com o desaparecimento, de nossos dicionários, da palavra "neurótico", que iria, com isso, também banir certos sentimentos, certos tipos de relacionamento para com algumas pessoas determinadas, uma maneira de julgá-las e, conseqüentemente, de nos julgarmos a nós mesmos. (MOSCOVICI, 2003, p. 47)

A partir daí é possível entender que as representações sociais não são estáticas e uniformes ao longo do tempo, do espaço e das sociedades. Elas são mutáveis e estão sempre operando em relação a outros conjuntos de representações. Para Stuart Hall, professor com trabalhos importantes sobre os estudos culturais, a representação é uma forma de expressão reconhecível através da comunicação: “a mídia produz amplos efeitos na sociedade, relacionados a um determinado tipo de poder que se exerce no processo de administração da visibilidade pública midiático-imagético” (HALL, 2016, p. 11).

Ao optar pela corrente construtivista, Hall (2016) acredita que representar não é um ato individual nem uma simples reprodução da realidade, mas que a realidade social é um campo de disputa construído na linguagem e no discurso. Por isso, a representação está ligada diretamente à produção de sentido, de significados sociais, e seria um problema de cultura, por envolver a linguagem na construção da realidade social a partir de signos.

Para o autor, os signos da representação são relativos e não são dados pela natureza, mas construídos pelos sujeitos da sociedade. Sendo assim, as representações também não são naturais. Ao compreender que o signo está em aberto, Hall (2016) evidencia o caráter da disputa na construção dessa realidade. Atribuímos sentidos às coisas do mundo ao colocar algo ou alguém em outro objeto:

A representação surge como ‘representação política’ que, em seu ato de representar, constitui não somente a identidade, mas a própria qualidade



existencial, ou ‘realidade’ (ontologia), da comunidade política, sendo representada em seus valores, interesses, posicionamentos, prioridades, com seus membros (e não membros), suas regras e instituições. Nesse contexto, da ‘representação como política’, não ter voz ou não se ver representado pode significar nada menos que opressão existencial. (HALL, 2016, p. 13)

Hall (2006, p. 11) complementa Moscovici (2003) ao falar que para além de um ‘eu real’, o sujeito é “formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”, preenchendo o espaço pessoal e o mundo público, afinal projetamos a identidade criada pela sociedade e apresentada muitas vezes pelos veículos de mídia a nós mesmos, tornando os mundos culturais mais unificados e predizíveis.

### 3. O JORNALISMO COMO CONSTRUTOR DA REALIDADE

Desde as tabernas onde eram compartilhadas histórias, acontecimentos e relatos dos viajantes a partir da cultura oral, movimento precursor do jornalismo moderno<sup>8</sup>, a comunicação, especialmente o jornalismo, tem papel fundamental na criação da realidade de uma sociedade. Não que a atividade jornalística seja um mito em si, afinal não somos uma comunidade brasileira por causa do jornalismo brasileiro, mas o jornalismo sistematiza e ajuda a perpetuar a criação dos mitos da sociedade.

No Brasil, isso vem desde a criação da imprensa no país, passando principalmente pela ditadura e hoje se firmando na criação e/ou reprodução de ideais sociais. Morigi (2014) explicita o papel dos jornais, que para além de meros veículos de informação, “no processo da comunicabilidade da cultura e seus valores, a imprensa é responsável pela produção dos sentidos que circulam na sociedade, remetendo à teoria das representações sociais e coletivas”. Sobre as representações coletivas, ele afirma:

As representações coletivas são as formas de pensamento que a sociedade elabora para expressar sua realidade. Essas formas são incorporadas e interiorizadas pelos indivíduos através da vida e sociedade através das normas, das regras que formam a estrutura social. Como essas formas de pensamento não são universais nem são dadas às consciências, *a priori* formam-se os sistemas de representação coletivos nos quais torna-se possível criar esquemas de percepção, juízos que fundamentam as maneiras sociais de agir, pensar e sentir dos indivíduos (MORIGI, 2004, p. 4).

Isso é reafirmado por Marialva Barbosa e Ana Enne (2005) em um artigo sobre jornalismo sensacionalista, no qual elas mostram que o autor das notícias procura construir personagens e representações:

Quando consegue, permite que a narrativa represente a existência, atingindo diretamente o público. Não é a representação de dados concretos que produz o senso de realidade, mas a sugestão de uma certa generalidade. O público é, assim, movido tanto pelo inusitado da trama, quanto pela participação – ainda que indireta – na vida daqueles personagens. Essas notícias podem também inseri-lo em ambientes estranhos. Podem também remontar a realidade como um conto folhetinesco ou uma cena dos cinematógrafos. Produzem, enfim, elos de identificação com o público. (BARBOSA; ENNE, 2005, p. 70)

A construção desses arquétipos do senso comum também é definida por Moscovici ao falar de representação social com base em Durkheim: “a teoria das representações sociais

---

<sup>8</sup> Anotações da aula de História da Comunicação ministrada pelo professor Júlio Bezerra em 2017.1.

constitui-se tendo como pano de fundo a ideia de que o indivíduo extrai categorias de pensamento da sociedade. O conhecimento do senso comum não é uma versão primitiva e falha do conhecimento científico” (MOSCOVICI; apud WACHELKE; CAMARGO, 2007).

A sociedade vem a ser revelada pelos meios de comunicação, incluindo aí o jornalismo, sistematizando, criando mitos, senso comum na comunidade e os emitindo, como expõe Lippmann (2008, p. 28): “O único sentimento que alguém pode ter acerca de um evento que ele não vivenciou é o sentimento provocado por sua imagem mental daquele evento.”

Nesta reflexão, cabe destacar que o jornalismo ao precisar manter a audiência, tanto como fonte de recurso direta como para os anunciantes, não pode se distanciar totalmente da realidade e se torna uma das principais fontes documentais de um determinado momento (ROMANCINI, 2007). Porém, ao mesmo tempo que ele não se distancia por motivos mercadológicos, a mídia atua para ajudar a construir uma realidade social que, muitas vezes, é uniforme e homogênea, generalizando grandes populações para facilitar o processo comunicacional e de mercado.

A criação de um mito, aqui apresentado como uma verdade comum, pressupõe que sua fonte da criação seja comum à sociedade e que ele seja respeitado. Lippmann (2008) traz o conceito de opinião pública como “aquele aspecto do mundo exterior que tem a ver com o comportamento de outros seres humanos que nos é interessante” ou ainda as imagens na cabeça desses seres humanos, imagens de si e dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamentos. O autor também salienta que nossas opiniões cobrem um largo espectro, um número maior de coisas que somos capazes de observar diretamente. Nesse viés, portanto, as opiniões são formadas a partir de pedaços do que outros nos relatam e do que podemos imaginar, mas que, ainda assim, esses testemunhos não trazem de volta uma imagem inocente da cena - o que se imagina ser o relato de um evento seria, na realidade, a sua transfiguração.

O problema da aquisição de sentido das coisas, ou de formar hábitos de simples apreensão, é então o problema de introduzir precisão e distinção, que é apresentada por Baudrillard (1991) onde os indivíduos estariam inseridos numa realidade construída, a hiper-realidade.

### 3.1. *Sudestinos* na esfera pública

Assim sendo, para além das imagens mentais e do senso comum criado, Valente (2011) mostra que o jornalismo, como parte da esfera pública, é uma das maiores fontes de enriquecimento da nossa linguagem, por criar novas palavras ou incorporar as inventadas pelo povo mais rapidamente do que os dicionários. Essas palavras são os neologismos, que segundo o dicionário *Oxford Languages* é o “emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não”.

Mas atualmente, o jornalismo não está sozinho no papel de emissor na esfera pública e assim construir a realidade. De acordo com Conover *et. al.* (2011, apud RECUERO, 2016) e Bastos (2011, apud RECUERO, 2016), o Twitter pode ser um meio emissor na esfera pública:

Vemos a mídia social como um espaço análogo àquele da “esfera pública” de Habermas (1991), onde as ideias são debatidas, reproduzidas e refutadas, constituindo aí o que se chama de “opinião pública”. Essa “opinião” é um constructo imaginário, mas que é resultado de determinados enunciados que constroem discursos que circulam pelo ecossistema social. A opinião pública é fortemente associada ao conceito de esfera pública, um sistema relacionado a áreas de debate que são capazes de produzir opinião pública (Habermas, 1991). A opinião pública, neste contexto, relaciona-se com uma orientação política produzida nesta esfera pública. (RECUERO, 2016, p. 160)

Contrapondo a ideia de Valente (2011), mais rápido que o jornalismo para incorporar novas palavras estão as redes sociais. É o que aparentemente acontece com o termo *sudestino*: Ele não aparece em dicionários, nos acervos de jornais pesquisados e a produção acadêmica em torno do termo é escassa, mesmo sendo uma expressão documentalmente utilizada na esfera pública.

Coleta de dados realizada em maio de 2020 por meio de raspagem de dados<sup>9</sup> através da ferramenta *Twint*<sup>10</sup> mostra que há 25.297 postagens (tweets) que mencionam o termo ‘sudestino’ no Twitter. A primeira ocorrência foi em junho de 2008 (MEIRELLES, DANTAS, 2021).

Em três dicionários consultados<sup>11</sup>, não foi possível encontrar o termo “sudestino”. Realizamos buscas também nas edições de três jornais que disponibilizam o seu acervo

<sup>9</sup> ALVES, Marcelo. Abordagens da coleta de dados nas mídias sociais. In: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (Orgs.). Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações. São Paulo: Uva Limão, 2016.

<sup>10</sup> Script na linguagem de programação Python que faz raspagem de dados do Twitter.

<sup>11</sup> Michaelis da língua portuguesa, Aurélio e Oxford.

digitalmente<sup>12</sup>. Neles foram detectadas 88 ocorrências do termo *sudestino*. Para comparação, também realizei também uma busca pelos termos *nordestino*, *sulista*, *nortista*<sup>13</sup>. Não houve ocorrências para o termo *centro-oestino*.

<b>Tabela 1 - Ocorrência dos gentílicos de grandes regiões brasileiras nos jornais</b>			
<i>Termo/Jornal</i>	<i>O Globo</i>	<i>Folha de S. Paulo</i>	<i>Estadão</i>
<i>Nordestino</i>	73.700 (83,2%)	28.590 (79,8%)	12.147 (76,2%)
<i>Sulista</i>	7.593 (8,6%)	4.422 (12,3%)	2.536 (15,9%)
<i>Nortista</i>	7.178 (8,1%)	2.776 (7,8%)	1.250 (7,8%)
<i>Sudestino</i>	66 (0,1%)	19 (0,1%)	2 (0,1%)

Fonte: Pesquisa do autor no acervo online de cada jornal

No intuito de aferir em números relativos, efetuei outra pesquisa analisando o uso de um gentílico estadual com um gentílico regional para se referir a uma pessoa ou algo dos estados das regiões Nordeste e do Sudeste do país. O corpus, mais uma vez, foi composto pelos três jornais que disponibilizam o seu acervo on-line:

<b>Tabela 2 - Relação entre a ocorrência<sup>14</sup> de gentílicos regionais e gentílicos locais no acervo online dos jornais</b>					
<b>Tabela 2.a - Ocorrência do termo Sudestino e gentílicos locais da região<sup>15</sup></b>					
<i>O Estado de São Paulo</i>		<i>Folha de S. Paulo</i>		<i>O Globo</i>	
<i>Sudestino</i>	<i>Gentílicos locais<sup>15</sup></i>	<i>Sudestino</i>	<i>Gentílicos locais<sup>15</sup></i>	<i>Sudestino</i>	<i>Gentílicos locais<sup>15</sup></i>
0,0002%	99,9998%	0,002%	99,9981%	0,003%	99,9968%

<sup>12</sup> *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de São Paulo*.

<sup>13</sup> Segundo o dicionário Michaelis da Língua Portuguesa, essas palavras remetem aos naturais ou habitantes dos estados brasileiros das regiões Nordeste, Sul e Norte, respectivamente.

<sup>14</sup> Coleta realizada em 11 de nov. de 2020.

<sup>15</sup> Soma de ocorrência dos termos *capixaba*, *carioca*, *mineiro* e *paulista*. Foi escolhido *carioca* ao invés de *fluminense*, o gentílico estadual, pela possível coleta de ocorrências do homônimo time carioca.

Tabela 2.b - Ocorrência do termo Nordeste e gentílicos locais da região <sup>16</sup>					
O Estado de São Paulo		Folha de S. Paulo		O Globo	
Nordestino	Gentílicos locais <sup>16</sup>	Nordestino	Gentílicos locais <sup>16</sup>	Nordestino	Gentílicos locais <sup>16</sup>
10%	90%	16,2%	83,8%	14,03%	85,97%

Fonte: Pesquisa do autor no acervo online de cada jornal

Esta rápida coleta de dados no acervo dos maiores jornais de circulação no país<sup>17</sup> mostra que a palavra *sudestino* praticamente não é utilizada. Todas as menções feitas pelo jornal *Folha de S. Paulo* ao termo equivalem a menos de 0,1% das vezes que o jornal referenciou alguém ou algo com gentílicos da região Sudeste (*capixaba, carioca, mineiro, paulista e sudestino*), número bem menor à quantidade de referências a pessoas ou coisas do Nordeste: 16,2% das vezes foi utilizado o gentílico da grande região, *nordestino*.

No meio acadêmico, a ferramenta Google Scholar, que permite realizar pesquisas em trabalhos e artigos, não retorna resultado para o termo *sudestino*. Ainda assim o vocábulo é encontrado através de busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>18</sup> em algumas poucas produções acadêmicas de universidades não-sudestinas, como a Universidade de Brasília (UnB)<sup>19</sup> e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)<sup>20</sup>. É válido destacar ainda que as ferramentas de tecnologia, aparentemente, ainda não se apropriaram do termo: a ferramenta de edição que utilizei para escrever este trabalho pediu insistentemente que eu "corrigisse" o termo *sudestino* para *nordestino*.

Parece flagrante, portanto, a quase invisível presença do termo *sudestino* no contexto brasileiro apresentado. Diante dessa realidade, a partir da análise do discurso a ser realizada nas páginas do Grupo Folha, a presente pesquisa pretende contribuir para o debate em torno

<sup>16</sup> Soma de ocorrência dos termos *alagoano, baiano, cearense, maranhense, paraibano, pernambucano, piauiense, potiguar, sergipano*.

<sup>17</sup> Dados de 2020 do Instituto Verificador de Comunicação (IVC).

<sup>18</sup> <https://bdtd.ibict.br/vufind/> Acesso em 15 de dez. de 2020.

<sup>19</sup> ARAÚJO, Susana Menezes. A Variação Linguística e o Preconceito Linguístico no Ensino Médio: relações de Hierarquização Pela Linguagem em Uma Escola Pública de Ceilândia - DF. 2020. 192 f. il. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

<sup>20</sup> ABREU, R. da S. Entre sonhos e desencantos: representações do migrante nordestino no cinema brasileiro da década de 1980. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2015.

do termo sudestino, buscando, assim, tornar a discussão mais robusta tanto nas áreas de Comunicação como em Ciências Sociais.

### **3.2. Analisando o jornalismo e a esfera pública**

Ao utilizar a linguagem para realizar qualquer tipo de comunicação agimos como máquinas de produção de sentido. Fanon (2008), fala que para entender como essas construções ocorrem, "o caminho lógico é examinar a linguagem, na medida em que é através dela que criamos e vivenciamos os significados". Ao produzir sentido e disputarmos o conhecimento da esfera pública acabamos produzindo discursos que podem ser objeto de análise. "A Sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não escapa à influência humana. É pelo homem que a Sociedade chega ao ser". (FANON, 2008)

Segundo da Silva e Júnior (2016), para Foucault (2013) a noção de discurso já é um acontecimento histórico perpassado por interesses das instâncias (órgãos e instituições) e das relações de poder produzidas: "A análise foucaultiana dos discursos diz respeito à articulação daquilo que pensamos, dizemos e fazemos, o que nos permite compreender a definição que o pensador faz dos discursos como acontecimentos históricos." (DA SILVA; JÚNIOR, 2016)

Neste trabalho vamos utilizar as questões levantadas por Ferreira (2006) que atravessam o tempo em busca do discernimento do sentido. São elas: como caracterizar o sentido de um discurso? Quais são os critérios para tal investida no interior de um texto? O sentido se revela pelo o que é dito ou pela maneira de dizer? Quais aspectos extra-texto que podemos levantar como variáveis para a construção do sentido de um discurso?

Outro expoente da análise do discurso, Eliseo Veron (1983) busca identificar como a imprensa constrói de forma duradoura o que a sociedade vê como significante:

Todos os princípios que dinamizam o contrato de leitura fazem que um suporte de imprensa seja tomado numa constante negociação com seus leitores: as propriedades de seu discurso vão depender da aceitação das estratégias de apropriação de seus eventuais leitores. Este elo delicado é então dinamizado pela diferença que existe entre a produção e o reconhecimento do discurso. (FERREIRA, 2006, p. 8)

No texto, Ferreira (2006) destaca também a produção de Barthes (1965;1966;1967;1970) para a análise do discurso, "como objetivo a demolição dos mitos da modernidade problematizando a denotação e a analogia". É preciso aqui também delimitar o que é discurso e o que é texto. A última é a produção da primeira e o objeto de estudo a se analisar.

#### 4. QUEM FALA NO JORNALISMO BRASILEIRO

No maior país da América Latina, o qual apresenta tantas diferenças em sua população, falar do que é o jornalismo brasileiro merecia no mínimo uma dissertação de mestrado<sup>21</sup>. Todavia, mesmo com espaço limitado para retratar tal universo, procuro evidenciar, neste capítulo, quais os veículos de notícia são mais consumidos no país, bem como suas influências na construção da realidade da população, descrita nos capítulos anteriores.

##### 4.1. Onde estão os veículos de comunicação

O Atlas da Notícia 3.0, de 2019, iniciativa cuja intenção é mapear todos os veículos de notícias do Brasil, revela que 2.082 cidades brasileiras (37%) possuem pelo menos um veículo de notícia. Apesar de elas representarem 87% da população do país, os veículos se distribuem de forma desigual:

<b>Tabela 3 - Proporção de veículos de notícia e população por região brasileira</b>		
<i>Região</i>	<i>Veículos<sup>22</sup></i>	<i>População (2019)<sup>23</sup></i>
<i>Sudeste</i>	38%	42,05%
<i>Sul</i>	27%	14,26%
<i>Nordeste</i>	14,5%	27,16%
<i>Centro-Oeste</i>	13,5%	7,76%
<i>Norte</i>	7%	8,77%

Fonte: Atlas da Notícia 2019 e População residente estimada pelo IBGE 2019

A região Sul do país, com a 3ª maior população, fica em 2º lugar no número de veículos mapeados pelo atlas, enquanto os nove estados do Nordeste, com quase o dobro da população dos estados do Sul, tem pouco mais da metade da quantidade de veículos de notícias presentes no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Os dados do atlas também mostram quem ‘não fala’ no jornalismo, as cidades que são desertos de notícia, onde nenhum

<sup>21</sup> MOREIRA, Manoel Henrique Tavares. Do partidarismo à informação: as mudanças estruturais no jornalismo brasileiro e a formação dos impérios midiáticos. 2015. 213 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

<sup>22</sup> Atlas da Notícia 2019 - <https://www.atlas.jor.br/> - Acesso em 15 de jan. de 2021.

<sup>23</sup> População estimada IBGE 2019.



veículo de comunicação noticioso foi mapeado. O maior número absoluto e a maior proporção de desertos de notícia estão nos nove estados da região Nordeste. De um total de 1.794 municípios na região, 1.318 (73,5%) não têm nenhum veículo de comunicação (rádio, jornal, on-line ou TV):

<b>Tabela 4 - Quantidade de municípios sem nenhum veículo de comunicação em 2019</b>			
<i>Região</i>	<i>Total municípios</i>	<i>Total desertos</i>	<i>Proporção deserto/municípios</i>
<i>Nordeste</i>	1.794	1.318	73,5%
<i>Norte</i>	450	323	71,8%
<i>Sudeste</i>	1.668	1.010	60,6%
<i>Sul</i>	1.191	653	54,8%
<i>Centro-Oeste</i>	467	183	39,2%

Fonte: Atlas da Notícia 2019

Os dados também atestam que o rádio é o veículo mais comum nas cidades brasileiras sendo 35,2% dos veículos mapeados no Atlas, depois dele vem o impresso (29,4%), on-line (25,5%) e a TV (9,7%):

Enquanto em muitos municípios aquela rádio e aquele jornal pequeno podem ser os únicos veículos disponíveis localmente, nas capitais a barreira de criação de um veículo online é menor, o que fez dispararem as novas iniciativas de Internet nos últimos anos.

O segmento impresso (jornais e revistas) continua relevante, o que significa duas coisas: o legado do modelo de negócios tradicional, baseado em publicidade, continua fora dos grandes centros, ao passo que a inovação no setor jornalístico proporcionada pelo digital ainda carece por lá. (Atlas da Notícia 3.0)

Esses dados correspondem à cidade sede das empresas. Esses veículos podem cobrir outros municípios próximos em suas pautas (que talvez sejam desertos de notícia para o Atlas), mas que com certeza deixam um espaço maior do seu noticiário para a cidade de origem da redação.

## 4.2. Quem são os veículos de comunicação

Apesar do Atlas da Notícia mostrar que 82% da população brasileira mora em cidades com pelo menos um veículo jornalístico, a audiência brasileira é voltada para o Sudeste.

A televisão brasileira, principal meio de consumo midiático do país (BRASIL, 2016), continua “centrada em um modelo de redes centralizadas no eixo Rio de Janeiro e São Paulo cuja programação também ainda é marcadamente homogeneizada para todo o Brasil e nem sempre revela os aspectos regionais de outros estados” (MENESES; MONTORO, 2019).

Mesmo o Nordeste sendo a região que mais produz programas regionais de TV nas emissoras afiliadas às grandes redes sudestinas - 30,9% dos programas regionais brasileiros são de afiliadas do Nordeste (MENESES, 2015) - mais de 40% dos domicílios nordestinos assiste televisão através do sinal recebido pela antena parabólica, com a sua programação gerada em quase sua totalidade em emissoras no Sudeste. A antena parabólica é “um recurso para captar, via satélite, sinal de televisão em áreas que não são plenamente atendidas por meio de antenas terrestre” (IBGE, 2018).

No impresso, esse movimento não é muito diferente, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016 da Presidência da República,

por volta de um em cada três respondentes afirma ler jornal. Destes, dois em cada três leem mais a versão impressa; cerca da metade destes adquire em bancas. O acesso a esse meio de comunicação é mais costumeiro entre segunda e sexta-feira; por sua vez, o tempo diário de acesso é de aproximadamente uma hora e dez minutos. *O Globo* e a *Folha de S. Paulo* são os jornais mais lidos. (BRASIL, 2016, p. 33)

Dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC)<sup>24</sup> salientam que os seis jornais mais lidos do país (impresso e on-line) entre 2000 e 2020 são da região Sul ou Sudeste. Nesse período, entre os jornais auditados pelo IVC, os veículos não-sudestinos e não-sulistas que tiveram a melhor posição em cada região foram: no Centro-Oeste, o “Daqui” (GO) que ficou em 7º lugar entre 2012 a 2015, em 2017 e em 2018, com uma média de participação no mercado brasileiro de 3,9% em cada ano; no Norte, “O Dez Minutos” (AM) que teve a melhor colocação no mercado brasileiro em 2011 com o 12º lugar e abocanhou 2,18% do mercado brasileiro daquele ano; no Nordeste, a melhor posição no mercado brasileiro nesses 20 anos foi o 16º lugar entre 2000 e 2003 do “A Tarde” (BA), e, também na mesma posição,

---

<sup>24</sup> Cedidos gentilmente para uso acadêmico.

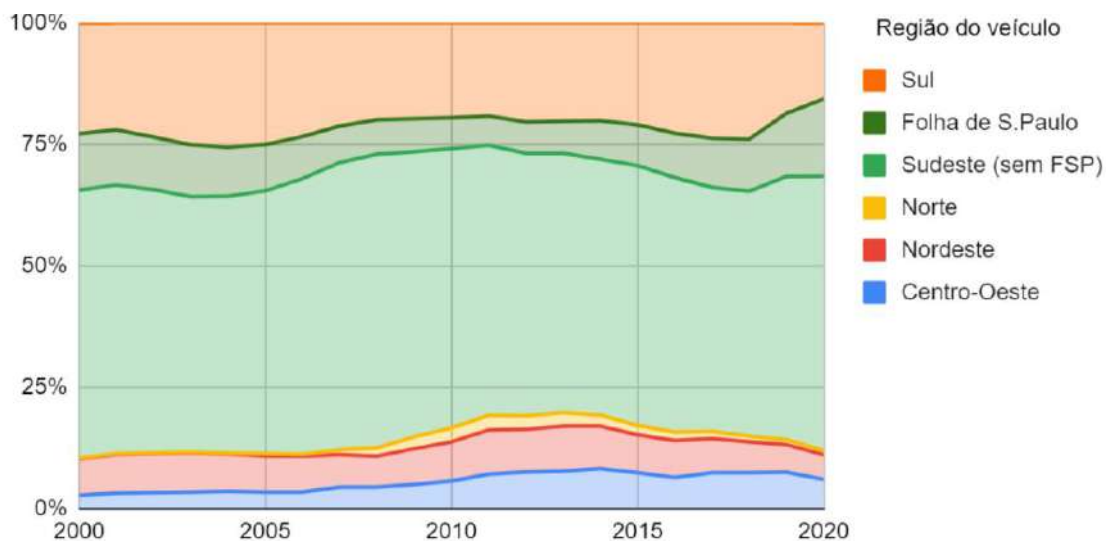
o “Correio” (BA) em 2019 e 2020, com uma média de 1,4% do mercado nacional em cada ano para cada jornal.

Durante esses 21 anos, dos 128 veículos auditados pelo IVC em todo o Brasil, os nove mais lidos foram do Sul e do Sudeste, que somados abocanharam em média mais da metade da audiência brasileira de jornais em cada ano. Os dados do Instituto corroboram com o da Pesquisa de Mídia realizada pela secretaria de comunicação da Presidência (Brasil, 2016): *O Globo* e a *Folha de S. Paulo* são as publicações mais lidas no país.

<b>Tabela 5 - Publicações mais lidas no país entre os anos 2000 e 2020</b>			
<i>Posição</i>	<i>Publicação</i>	<i>Estado</i>	<i>Média participação no mercado</i>
1	<i>Folha de S. Paulo</i>	SP	9,4%
2	<i>O Globo</i>	RJ	8,3%
3	<i>O Estado de S. Paulo</i>	SP	7,2%
4	<i>Super Notícia</i>	MG	6,1%
5	<i>Extra</i>	RJ	5,9%
6	<i>Zero Hora</i>	RS	5,0%
7	<i>Correio do Povo</i>	RS	4,1%
8	<i>Diário Gaúcho</i>	RS	3,9%
9	<i>Meia Hora</i>	RJ	3,0%

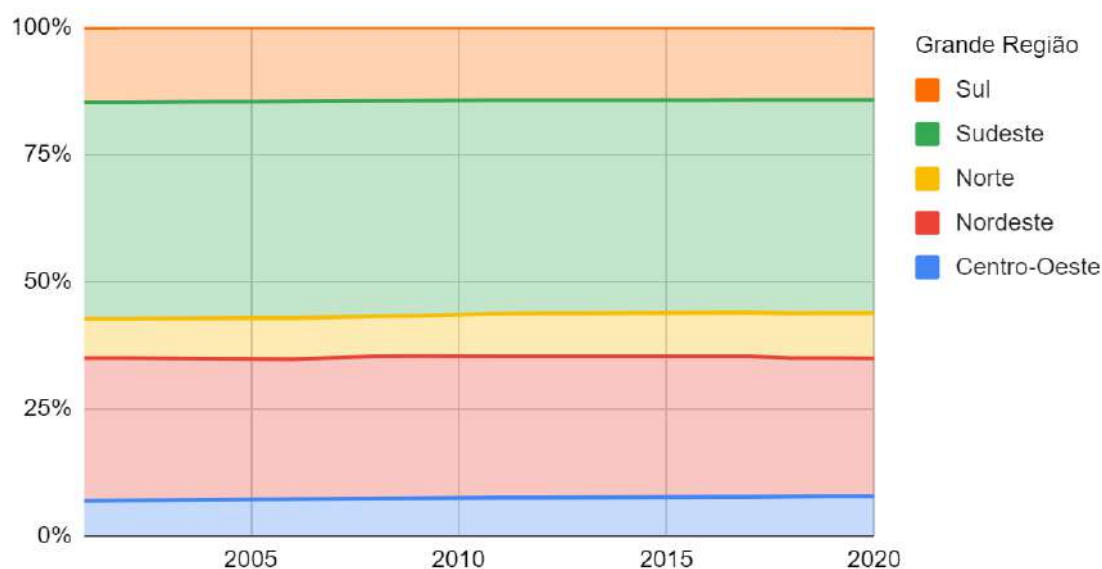
Fonte: IVC

Somente a *Folha de S. Paulo* (SP) ficou em média com 9,4% da audiência nestes vinte anos, atingindo o pico de 15,94% do mercado em 2020. Com o gráfico abaixo é possível constatar a dimensão da participação dos jornais de cada região na audiência nacional (impresso + on-line):

**Gráfico 1: Participação no mercado nacional por região do veículo**

Fonte: IVC

O gráfico revela a grande participação dos veículos do Sul (laranja) e do Sudeste (verde) na audiência do mercado nacional entre 2000 e 2020. A fatia do jornal *Folha de S. Paulo* é destacada em verde escuro por ser o veículo escolhido para o estudo neste trabalho. Esses dados, como os do Atlas da Notícia, contrastam com a proporção da população estimada pelo IBGE para as grandes regiões durante esses anos:

**Gráfico 2: População residente estimada**

Fonte: IBGE

Para facilitar a compreensão, a tabela a seguir faz uma comparação entre a média anual de participação no mercado dos veículos de cada região e sua população estimada:

<b>Tabela 6 – Comparação entre a participação dos jornais no mercado nacional e a população residente estimada por região brasileira</b>		
<i>Região</i>	<i>Participação no mercado nacional</i>	<i>População residente estimada</i>
<i>Sudeste</i>	64,9%	42,2%
<i>Sul</i>	21,9%	14,4%
<i>Nordeste</i>	7,6%	27,7%
<i>Centro-Oeste</i>	5,5%	7,4%
<i>Norte</i>	1,4%	8,3%

Fonte: IVC 2019 e IBGE 2019

Assim como nos dados do Atlas da Notícia, a diferença da proporção informacional<sup>25</sup> é grande. Os jornais da região Sul têm uma audiência três vezes maior (impresso + online) do que os veículos dos estados do Nordeste auditados pelo IVC, mesmo com a metade da população residente do Nordeste.

Os dados mostram que a produção e o papel de gatekeeper<sup>26</sup> concentrado em uma região de um país continental. Esta reflexão vai de encontro com recentes produções que se dedicam a pensar sobre o lugar estrutural que as pessoas ocupam ao falar sobre o mundo (RIBEIRO, 2017; SPIVAK, 1985). Neste sentido, a produção jornalística de uma pessoa não pode ser dissociada da posição geográfica, racial ou social ocupada por ela. Isso não quer dizer que a produção de uma pessoa não possa falar sobre outra realidade, mas dentro do quadro de desigualdades estruturais do Brasil (ARRETCHE, 2015; MARQUES, 2015), ter grandes canais de comunicação centrados no Sudeste acaba por criar uma visão do Nordeste a partir do Sudeste, não dando espaço para que os nove estados da região possam construir uma representação sobre si mesmos, afinal o processo de criar notícias envolve também escolhas pessoais e direcionamentos político-editoriais e ideológicos. (MORAES JÚNIOR; ANTONIOLI, 2016)

Na apresentação da edição brasileira do livro de Hall (2016), Arthur Ituassu, professor do departamento de comunicação social da PUC-Rio mostra que o interesse do professor era em analisar não somente os “efeitos de sentido” do discurso midiático, mas

<sup>25</sup> Proporção da audiência ou quantidade de veículos *versus* população.

<sup>26</sup> "De acordo com McQuail (1972 apud GOMIS, 1991, pg. 81) o gatekeeper é quem tem direito de decidir se uma notícia vai ser transmitida ou retransmitida de uma maneira ou de outra." (Weber, 2010).

também as suas consequências na construção da sociedade, mostrando que quem cria essas imagens têm um sentido e um viés:

Se perguntando como as imagens que vemos constantemente a nossa volta nos ajudam a entender como funciona o mundo em que vivemos, como essas imagens apresentam realidade, valores, identidades, e o que podem acarretar, isto é, quem ganha e quem perde com elas, quem ascende, quem descende, quem é incluído e quem é excluído. (HALL, 2016, p. 10)

Portanto, ao analisar os dados da mídia noticiosa brasileira neste capítulo, é possível perceber que ela está centrada em um modelo geograficamente hegemônico a partir da região Sudeste. O restante do Brasil apresenta veículos de notícias, segundo o atlas de notícia somente 13% da população vive em um município sem nenhuma empresa jornalística, mas a audiência ainda é concentrada em grande parte nos veículos do Sudeste.

## 5. O OUTRO INVENTADO

Um intelectual regionalista quase sempre é aquele que se sente longe do centro irradiador de poder e de cultura. Ele faz da denúncia dessa distância, dessa carência de poder, dessa vitimização, o motivo de seu discurso. (ALBUQUERQUE JR., 1999)

Ao longo destas páginas, foi evidenciado como a mídia constrói uma realidade e como essa realidade vai ser enviesada a partir do ponto de quem está falando. Apesar de muitos falarem no Brasil, poucos são ouvidos. A audiência brasileira é concentrada nos veículos de comunicação que emitem informação, sobretudo, a partir dos estados da região Sudeste do país.

Cairo (2016) mostra em sua dissertação que os estudiosos do campo da análise do discurso rejeitam interpretações tão simples das relações de poder. Segundo o autor, Bakhtin e outros estudiosos sublinham a centralidade que o papel do outro desempenha na construção do discurso. Com base nessa perspectiva, neste capítulo, busca-se entender como o apontamento dos veículos de comunicação criou um Nordeste estigmatizado a partir de um Sudeste apresentado como o centro do mundo.

### 5.1. Ele não é daqui

A necessidade de mostrar diferenças no outro e agrupá-las, estigmatizando e estereotipando é uma forma de demarcar o que somos, ou nossas características que devem ser ressaltadas em detrimento daquelas que não convém ao meu grupo social.

A afirmação "sou brasileiro", na verdade, é parte de uma extensa cadeia de "negações", de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação "sou brasileiro" deve-se ler: "não sou argentino", "não sou chinês", "não sou japonês" e assim por diante, numa cadeia, neste caso, quase interminável. (DA SILVA, 2000, p. 1)

Woodward (2000) mostra que a identidade é relacional. Ela depende, para existir de algo fora dela, uma identidade que ela não é, sendo marcada pela diferença:

Ao examinar sistemas de representação é necessário analisar a relação entre cultura e significado (HALL, 1997). Só podemos compreender os significados envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma ideia sobre quais posições-de-sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior. (WOODWARD, 2000, p. 17)

Então, para que seja construído um discurso é preciso apontar a diferença, produzindo significados pelas representações que damos sentido àquilo que somos. Mas, antes de apontar e criar o nordestino, os sudestinos se veem não como uma região, mas como o brasileiro. É o que mostra Isaias Queiroz, brasileiro nascido na Bahia na entrevista que deu base a esta monografia. No artigo, o canoísta que se tornou o primeiro atleta do país a ir mais vezes ao pódio em uma só edição olímpica, com duas medalhas de prata e uma de bronze nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, se incomoda quando a imprensa o trata como "o baiano". Ele diz: "Não, eu sou brasileiro. Por que, quando vai fazer uma matéria com o pessoal do sul, é 'o brasileiro não sei o que'? Por que quando é baiano tem que ser baiano? Tenho que ser Brasil"<sup>27</sup>.

Ao apontar a construção de um outro na entrevista, é possível encontrar uma racialização na forma como Isaquias se sente. Apesar da reportagem mencionar o termo baiano, pesquisas já apontaram que existe um processo de racialização nordestino e ele tem conexões profundas com o grande êxodo nas décadas de 1940 para as grandes capitais do Sudeste brasileiro.

## 5.2. A imprensa criando o outro

A frase e revolta de Queiroz<sup>27</sup> é direcionada diretamente para a mídia, jornalística ou esportiva: "Isaquias se incomoda quando a imprensa o trata como "o baiano". "Não, eu sou brasileiro. Por que, quando vai fazer uma matéria com o pessoal do sul, é 'o brasileiro não sei o que'? Por que quando é baiano tem que ser baiano? Tenho que ser Brasil", justifica."

Ferreira (2006, p.7) apresenta que Véron (1987)

propõe o contrato de leitura que estabelece um elo fundamental entre um suporte de imprensa e seus leitores. Cada suporte de imprensa cultiva, ao longo de sua existência, uma relação que se alimenta de uma permanente negociação com seus leitores. O estudo do contrato de leitura se situa entre os suportes de imprensa e seus leitores através da leitura.

Segundo este trecho, cada discurso carregaria então traços de diferença cultivados pela própria imprensa.

A relação entre a produção e o reconhecimento de um conjunto discursivo é e será sempre marcada por uma diferença. Esta diferença constitui o essencial dos discursos sociais. Ela é um aspecto fundamental do discurso

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/isaquias-queiroz-e-melhor-ganhar-medalha-quando-ninguem-acredita-em-voce/> - Acesso em: 10 de nov. de 2020.



social que nega toda análise linear na relação produção e reconhecimento de um discurso. (VERON *apud* FERREIRA, 2006, p. 8).

A possibilidade desse discurso baseado na diferença está ligada ao contrato de leitura e a negociação apresentada por Veron (1987) entre leitor e veículo de notícia:

O estudo do contrato de leitura se firma, então, entre os suportes de imprensa e os leitores pelo viés da leitura, isto é, pelas matérias significantes propostas pelo suporte de imprensa, que supõe uma expectativa dos leitores. Este estudo faz igualmente um apelo ao conhecimento das expectativas dos leitores pela pesquisa qualitativa através das entrevistas semi-diretas ou por grupos de projeção. (FERREIRA, 2006, p. 8)

### 5.3 Criando o Nordeste

Em *A Invenção do Nordeste e outras Artes*, Durval Albuquerque Junior (1999) conta que a região Nordeste surge a partir da saudade e da tradição de uma 'paisagem imaginária' do Brasil por volta de 1910, "substituindo a antiga divisão regional do país entre Norte e Sul":

O Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões são fatos humanos, são pedaços de história, magma de enfrentamentos que se cristalizaram, são ilusórios ancoradouros da lava da luta social que um dia veio à tona e escorreu sobre este território. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença. (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 79)

No artigo *Os meios de comunicação e a prática política*, Luis Felipe Miguel (2002) recorre à concepção de campo de Bourdieu (1990) para demonstrar o que afirmamos anteriormente neste trabalho: A mídia ajuda a difundir e consolidar as ideias dos políticos. Mesmo que Miguel (2002) chegue à conclusão de que o campo da política constitui campo específico, com regras e lógica próprias, e por isso não se subordina à mídia, é inegável que a classe política ajuda a pautá-la de acordo com seus interesses. Albuquerque Jr. (1999) mostra que os políticos foram os responsáveis por criar o Nordeste na mídia. Apesar desse processo não ter sido linear e ascendente, o autor assinala que a região foi construída em cima de um discurso regionalista a partir de diversos campos culturais após a grande seca no final do século XIX. Primeiro, a divisão entre Norte e Sul:

É a seca que chama atenção dos veículos de comunicação, especialmente dos jornais do Sul do país, para a existência do Norte e de seus "problemas". Ela é, sem dúvida, o primeiro traço definidor do Norte e o que o diferencia do Sul, notadamente, num momento em que o meio é

considerado, ao lado da raça, como fatores determinantes da organização social. (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 81).

Miguel (2002) fala um pouco aqui sobre como a falta de diversidade do emissor na mídia, pode criar um viés com algumas consequências na sociedade:

A mídia é, nas sociedades contemporâneas, o principal instrumento de difusão das visões de mundo e dos projetos políticos; dito de outra forma, é o local em que estão expostas as diversas representações do mundo social, associadas aos diversos grupos e interesses presentes na sociedade. O problema é que os discursos que ela veicula não esgotam a pluralidade de perspectivas e interesses presente na sociedade. As vozes que se fazem ouvir na mídia são representantes das vozes da sociedade, mas esta representação possui um viés. O resultado é que os meios de comunicação reproduzem mal a diversidade social, o que acarreta consequências significativas para o exercício da democracia. (MIGUEL, p. 8, 2002)

A seca a que se refere Albuquerque Jr. (1999) é a primeira a ter grande repercussão nacional pela imprensa, por ter atingido setores médios dos proprietários de terra, trazendo “grandes recursos para as vítimas do flagelo, o que fez com que as bancadas ‘nortistas’ no Parlamento descobrissem a poderosa arma que tinham nas mãos, para reclamar tratamento igual ao dado ao Sul” (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 83).

A racialização de nordestinos, portanto, se estabelece na condição de um "outsider" (ELIAS; SCOTSON, 2000), no momento em que chegam às grandes capitais do Sudeste, como São Paulo e Rio de Janeiro. Para além dessa condição, Guimarães (2002) vai além e aponta que a racialização aos nordestinos começa com a mudança da capital do Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro, que coincide com a chegada da coroa portuguesa ao Brasil. A partir daí, o Nordeste começa a figurar no imaginário popular como uma região “atrasada”, que contrasta com o Brasil moderno que estava sendo erigido no Rio de Janeiro. Esse contraste se dá não só no âmbito da representação, mas também nas políticas governamentais.

É através de campanhas contra a seca - nas quais a população desse “sul” do país (aqui considerando Rio de Janeiro e São Paulo) é convocada a contribuir em campanhas de arrecadação promovida pelos jornais que publicam listas com os nomes dos ‘beneméritos’ - que a mídia incorpora a ideia de Nordeste levado pelos parlamentares nortistas como uma área do Norte assolada pela seca e pelo cangaço. Nas palavras de Albuquerque Jr. (1999, p. 82) “Essa talvez seja uma das poucas formas de contato entre populações tão distanciadas, sem maior comunicação, dadas as deficiências nos meios de transporte”. O autor destaca ainda que

O Sul é o espaço-obstáculo, o espaço-outro contra o qual se pensa a identidade do Nordeste. O Nordeste nasce do reconhecimento de uma derrota, é fruto do fechamento imagético-discursivo de um espaço subalterno a rede de poderes, por aqueles que já não podem aspirar ao domínio do espaço nacional. (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 83)

O Sul aqui deve ser considerado como todos os estados abaixo da Bahia. Apesar da primeira proposta de divisão regional brasileira, em 1913, colocar os estados de Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro em uma mesma região, a Oriental, foi somente em 1938 que o Anuário estatístico do Brasil publicou a divisão que incluía o Rio de Janeiro (então Distrito Federal) na região Sul, junto a São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul<sup>28</sup>. Essa última divisão parece ser mais condizente com o que os jornais daquela época editados no que hoje chamamos de região Sudeste pregavam.

---

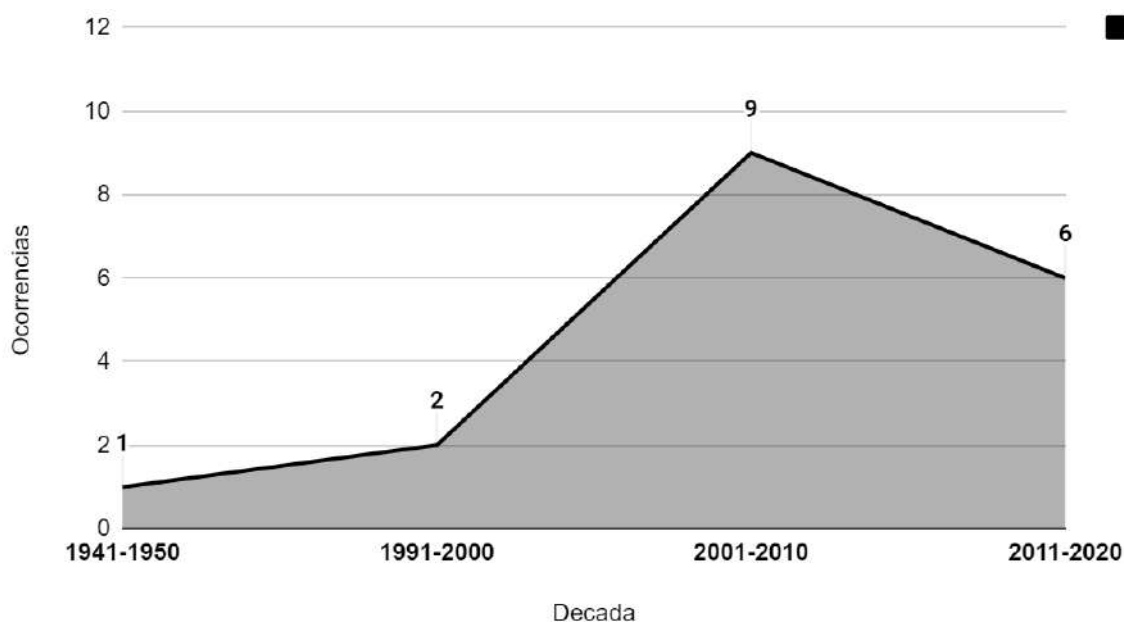
<sup>28</sup> Disponível em: <http://portal1.snirh.gov.br/atlasrh2013/> - Acesso em: 15 de jan. de 2021.

## 6 SUDESTINOS NOS JORNAIS DO GRUPO FOLHA

Para corroborar com a ideia de que a imprensa cria e mantém o que ela acredita ser nordestino e o Nordeste em suas páginas, decidi mudar o foco e colocar o Sudeste em estudo. Se é possível criar o nordestino, então vamos tentar entender o que o sudestino discursa quando menciona *sudestino*. Decidi analisar todas as vezes que os jornais do grupo Folha (*Folha de S. Paulo*, *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*), sediados em São Paulo (SP), mencionaram o termo *sudestino* entre 1925 e 2020.

O grupo Folha é composto atualmente somente pelos jornais *Folha de S. Paulo* e o populareSCO *Agora*, mas até 1960 a empresa tinha três títulos, um para cada turno do dia: *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*<sup>29</sup>. Para este trabalho foi realizada uma simples busca no acervo disponível de forma virtual no site do grupo<sup>30</sup> e nas edições entre junho e dezembro de 2020 dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Agora*. Ao total foram encontradas 20 ocorrências em 19 textos. A maioria delas na primeira década deste século (2001-2010):

**Gráfico 3: Quantidade de ocorrências em cada década**



Fonte: Elaborado pelo autor

A primeira delas foi em agosto de 1941, mas não se referia aos sudestinos brasileiros. A notícia era sobre o descarrilamento de um trem em território Búlgaro em que viajava o

<sup>29</sup> Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia\\_da\\_folha.shtml?fill=4](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4) - Acesso em: 22 de janeiro de 2021.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/busca.do?keyword=sudestino&periododesc=&por=Por+Dia&startDate=&endDate=&days=&month=&year=&jornais=> - Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

embaixador francês na Rússia. A primeira a se referir a algo do Sudeste brasileiro foi um texto da seção Painel do Leitor escrito pelo então presidente da Associação Brasileira de Defesa do Contribuinte, Roberto Gomes. A partir daí, todas as ocorrências do termo *sudestino* se referiram ao objeto estudado neste trabalho.

Os textos foram analisados respondendo às seguintes perguntas<sup>31</sup>:

1. Veículo;
2. Mês e ano da edição do jornal;
3. Editoria/Seção em que foi publicado<sup>32</sup>;
4. Autor;
5. Naturalidade do autor;
6. O termo *sudestino* é utilizado em contraposição a outra região brasileira?
  - a. Qual região?
7. A quem ou a que refere-se o termo *sudestino* no texto?

## 6.1. Ocorrências do termo *sudestino* nos jornais do grupo folha

### 6.1.1. Sem referência ao Sudeste brasileiro

#### Notícia 1

**Veículo:** Folha da Manhã

**Edição:** 3.ago.1941

**Título:** Crítica a Situação da Jugoslávia - Descarrilou em Território Búlgaro o Trem em que Viajava o Embaixador Francês em Moscou - Desmentido Teuto.

**Editoria/Seção:** Internacional

**Trecho:** “Os demais passageiros, que se dirigiam à Macedônia, foram transportados do local do sinistro num outro trem **sudestino**.”

**Contexto:** Descarrilamento do trem em que viajava o embaixador francês em Moscou na Bulgária. A direção das estradas de ferro da Bulgária informou que dois vagões saltaram dos trilhos.

**Autor:** Sem identificação

<sup>31</sup> É possível encontrar a íntegra da análise das ocorrências do termo *Sudestino* no próximo capítulo deste trabalho.

<sup>32</sup> A descrição de cada editoria e seção mencionadas neste trabalho estão no Anexo A.

### 6.1.2. Referindo-se ao Sudeste brasileiro

#### Notícia 2

**Veículo:** Folha de S. Paulo

**Edição:** 16.abr.1995

**Título:** São Paulo no Congresso

**Editoria/Seção:** Painel do Leitor

**Trecho:** “Nossa representação congressional, atualmente, não condiz com a realidade democrática brasileira, prejudicando São Paulo, como Estado mais populoso, e os demais sulistas e **sudestinos**, indubitavelmente.”

**Contexto:** Mensagem presente no painel do leitor, onde o autor reclama do tamanho da representação do estado de São Paulo no Governo Federal. Ele acredita que o estado, por ser o mais populoso do Brasil, deve apoiar uma reforma à Constituição Federal para que se faça justiça dentro do princípio federativo brasileiro.

**Autor:** Roberto Gomes Caldas Neto, presidente da Associação Brasileira de Defesa do Contribuinte em São Paulo.

**Naturalidade do autor:** São Paulo (SP).

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim, à Região Sul.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** Aos estados.

#### Notícia 3

**Veículo:** Folha de S. Paulo

**Edição:** 5.mai.1998

**Título:** Do rio São Francisco à central do Brasil seco

**Editoria/Seção:** Cotidiano

**Trecho:** “Entra governo, sai governo, e a gente da caatinga é tratada como jumento - nosso irmão, como dizia o cantor Luiz Gonzaga -, a quem é preciso, em tempos de seca, dar um pouco de forragem para garantir o voto das reeleições do coronelato (nordestino e **sudestino**) acomodado no poder.”

**Contexto:** Na página de opinião e editoriais do jornal, a articulista Marilene Felinto cobra o governo federal sobre recurso para o combate à seca no Nordeste, exemplificando as ações da Rede Globo e do então governo FHC, como um verde-amarelismo para despertar o patriotismo da brasileira telespectadora solidária.

**Autora:** Marilene Felinto, da equipe de articulistas.

**Naturalidade da autora:** Recife (PE).

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim, ao Nordeste.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** Ao coronelato/políticos.

#### **Notícia 4**

**Veículo:** Folha de S. Paulo

**Edição:** 27.jul.2001

**Título:** Forró do KVA

**Editoria/Seção:** Guia Folha

**Trecho:** “As bandas Banguela, Macamba, Xupanomanga e Triângulo Caráiva prometem fazer uma animada festa no lançamento do disco “Forró do KVA (Vol. 1 - Forró Sudestino)”.

**Contexto:** Anúncio do evento de lançamento do disco na seção fique de olho - shows.

**Autor:** Não identificado.

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim, ao Nordeste.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** Ao forró (ritmo musical).

#### **Notícia 5**

**Veículo:** Folha de S. Paulo

**Edição:** 31.jan.2002

**Título:** Complôs

**Editoria/Seção:** Esporte

**Trecho:** “Os não-*sudestinos* têm razão quando reclamam da pouca atenção que se dá, aqui, aos times e campeonatos de outras regiões.”

**Contexto:** Colunista da Folha rebate a ideia de um complô entre Rio e São Paulo para promover Romário na seleção para a copa do mundo daquele ano. Ela complementa: “Essa ideia de São Paulo e Rio versus o resto do Brasil é um saco”. Após o trecho em que a palavra *sudestino* aparece, ela fala sobre como as emissoras mesmo tendo alcance nacional elas não têm representatividade no mesmo nível.

**Autora:** Soninha.

**Naturalidade da autora:** São Paulo (SP).

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim. Norte e Sul.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** Aos habitantes da região Sudeste.

### **Notícia 6**

**Veículo:** Folha de S. Paulo

**Edição:** 25.mai.2003

**Título:** Andanças Coloniais

**Editoria/Seção:** Mais!

**Trecho1:** “Outras figuras de **sudestinos** mais ou menos inquietos afloram no Nordeste ao iniciar-se, em 1817, o ciclo do que o poeta Manuel Bandeira chamou das “revoluções libertárias”.

**Contexto1:** Texto no caderno Mais! de domingo onde o autor fala de alguns poetas e comerciantes que se deslocaram por cidades brasileiras na época da colônia.

**Trecho2:** “Outros **sudestinos** comprometidos em Dezesete foram mineiros.”

**Contexto2:** Ainda continuando o texto sobre andanças coloniais, o autor fala de Antônio de Morais da Silva, dicionarista filósofo que durante a revolução republicana, prevendo a contrarrevolução realista, jogou no rio toda a imensa correspondência com figuras do Iluminismo português e estrangeiro. O parágrafo onde está presente a segunda ocorrência do termo, se inicia identificando outros sudestinos comprometidos com a revolução

**Autor:** Evaldo Cabral de Mello

**Naturalidade do autor:** Recife (PE).

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim. Nordeste.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** Aos ‘comprometidos com a revolução’.

### **Notícia 7**

**Veículo:** Folha de S. Paulo

**Edição:** 08.ago.2006

**Título:** Nós somos a Europa deles

**Editoria/Seção:** Esporte

**Trecho:** “Em primeiro lugar, pode colocar em perspectiva nossos possíveis esnobismos **sudestinos** (?) ou sulistas.”

**Contexto:** Apesar de vir com uma interrogação ao lado, a própria autora já utilizou o termo sudestino quatro anos antes (ver notícia 5 da edição de 31 de jan. de 2002 - Título: Complôs). Nesse texto de 2006, ela comenta a observação dos jornalistas Paulo Cobos e Toni Assis na



edição do dia anterior da *Folha de S. Paulo*, de que o Nordeste foi a região brasileira que mais forneceu jogadores para os finalistas da Copa Libertadores da América daquele ano. No texto a autora reconhece que o futebol bem-sucedido no país foi construído com a ajuda inestimável de “muita gente nascida longe daqui” e a partir daí começa a comparar a saída de atletas do Brasil: “Por que eles saem? Por dinheiro, vaidade, por mais segurança ou falta de escolha. Porque aqui não teriam a menor garantia de estabilidade, mesmo que fosse com um salário mais ou menos. Não é o que procuram, também, os nordestinos que vêm tentar a vida mais ao sul?”. Ao mesmo tempo considera que há um desfalque nos times nordestinos de onde esses jogadores, agora em times no Sul ou no Sudeste, vieram.

**Autora:** Soninha

**Naturalidade da autora:** São Paulo (SP).

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim. Nordeste.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** Aos *esnobismos* dos habitantes da região Sudeste.

## Notícia 8

**Veículo:** Folha de S. Paulo

**Edição:** 15.nov.2007

**Título:** Grupo Piollin rascunha ‘Gaivota’ de Tchecov

**Editoria/Seção:** Ilustrada

**Trecho:** “Nos ensaios, quando perguntado sobre como montar um clássico com sotaque nordestino, Nanego Lira respondia com outra pergunta: “E clássico tem sotaque **sudestino**?”

**Contexto:** Matéria sobre a encenação do novo espetáculo em São Paulo do grupo de teatro Piollin, coletivo paraibano que, segundo a reportagem, passou metade de seus 30 anos ancorado em “Vau da Sarapalha”, uma montagem de conto de Guimarães Rosa. Ao ser perguntado pelo repórter sobre como é montar um clássico com sotaque nordestino, o ator Nanego Lira rebate com outra pergunta utilizando o termo *sudestino*. O trecho está no final do texto, dando uma certa estalar na mente do leitor.

**Autor:** Nanego Lira (das aspas) e Valmir Santos (da reportagem).

**Naturalidade do autor:** Cajazeira (PB) e São Paulo (SP), respectivamente.

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim. Nordeste.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** Ao sotaque.

**Notícia 9****Veículo: Folha de S. Paulo****Edição: 18.ago.2008****Título: Músico misturou orixás com modernismo****Editoria/Seção: Cotidiano**

**Trecho:** “Para dar um exemplo, quando ele lançou “Promessa de Pescador”, o canto da Iemanjá tinha algo de estranho e misterioso, de um modo geral, para ouvidos **sudestinos**.”

**Contexto:** Após a morte de Dorival Caymmi, o autor do livro Caymmi: Uma Utopia de Lugar escreveu para a *Folha de S. Paulo* um artigo para o caderno cotidiano na página em que se noticiava o enterro na data anterior. Nele, o autor descreve como o mestiço Caymmi, vindo de Itapuã contribuiu para “provocar alterações na estrutura da sensibilidade brasileira e para promover uma mudança profunda e altamente significativa na hierarquia de nossas formas culturais”. Então ele dá o exemplo da canção Promessa de Pescador lançada em 1959, época em que as religiões afro-brasileiras ainda não eram tão difundida em todo o país.

**Autor:** Antonio Riserio.**Naturalidade do autor:** Salvador (BA).**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim. Nordeste.**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** Aos habitantes da região Sudeste.**Notícia 10****Veículo: Folha de S. Paulo****Edição: 19.set.2008****Título: Sartre na roda de bobinho****Editoria/Seção: Esporte**

**Trecho:** “Pena que não combinou com o deus Carlinhos Bala, preferiram a soberba, que não veste a massa corintiana, mas cai bem para a mídia **sudestina**.”

**Contexto:** Mais uma vez o termo aparece no caderno de esportes. A dois dias do time vencedor da Copa do Brasil em 2008, Sport (PE), enfrentar o São Paulo (SP) pela série A do Campeonato Brasileiro, o autor, que é cearense, comenta nesse texto as expectativas para o jogo. Ao mencionar que “preferiram a soberba”, ele critica a mídia do Sudeste e fala da situação que o Sport viveu no final da Copa do Brasil contra o Corinthians (SP). No primeiro jogo, no Morumbi, em São Paulo, o time paulista já contava com a vitória após vencer de 3 a 1. Mas na volta, no estádio da Ilha do Retiro em Recife (PE), o Sport venceu de 2x0 e se

consagrou campeão da Copa com um gol de Carlinhos Bala, garantindo uma vaga na Copa Libertadores da América.<sup>33</sup>

**Autor:** Xico Sá

**Naturalidade do autor:** Crato (CE).

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim. Nordeste.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** À mídia da região Sudeste.

## **Notícia 11**

**Veículo:** Folha de S. Paulo

**Edição:** 20.fev.2009

**Título:** A volta triunfal do corvo

**Editoria/Seção:** Esporte

**Trecho:** “Sim, amigo, a série “O Brasil da Copa do Brasil”, da mesma emissora, noves fora um escorregãozinho aqui e outro ali no modo folclórico dos **sudestinos** espiarem os norte-nordestinos, também é um épico nestes tempos da morte do “furo” e das grandes reportagens.”

**Contexto:** Ao voltar de férias, o autor comenta sobre os jogos de futebol da rodada. No final do texto é mencionada a série O Brasil da Copa do Brasil, onde a ESPN mostra ‘a parte esquecida da Copa’, tentando sair da mesmice da cobertura dos times do Sudeste.<sup>34</sup> E é a partir dela que o ‘corvo’ (o autor), seleciona em quem vai apostar seus agouros e estudar as fichas dos boleiros mais ermos e lascados, “como o craque Diogo, conhecido em Rondonópolis como Diogol.”

**Autor:** Xico Sá.

**Naturalidade do autor:** Crato (CE).

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim. Nordeste.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** Aos habitantes da região Sudeste.

## **Notícia 12**

**Veículo:** Folha de S. Paulo

**Edição:** 27.mar.2009

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/pe/futebol/jogo/11-06-2008/sport-corinthians.ghtml>. Acesso em: 27 de jan. de 2021.

<sup>34</sup> Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/30911\\_o-brasil-da-copa-do-brasil](http://www.espn.com.br/noticia/30911_o-brasil-da-copa-do-brasil). Acesso em: 27 de jan. de 2021.

**Título:** Coisas da vida...

**Editoria/Seção:** Esporte

**Trecho:** “A imprensa **sudestina**, não só em futebol mas também em política e crônica de costumes, hoje em dia vive de sustos, pois, a não ser em grandes tragédias ou exotismos, não atravessa sequer a ponte do Morumbi, dividindo SP como se fosse uma Berlim pré-queda do muro.”

**Contexto:** Nessa tríade do mesmo autor, já deu para perceber que ele é um torcedor fanático do Sport (PE). Neste segundo texto de 2009 ele questiona o que a mídia esportiva dita ‘nacional’ discute: “quando teremos crônica esportiva nacional que trate do que interessa ao Brasil todo, e não só ao eixo Rio - São Paulo?”. Em tom crítico escrito em um jornal paulista, o autor diz que as mesas-redondas sobre futebol passam a semana discutindo primeiro e segundo volante e treino da seleção, mas que graças a Deus, “os jornais e revistas têm cada vez menos importância e um moleque de 15 ou um marmanjo de 50, com os seus blogs e maluquices, podem fazer o mesmo barulho que um metido colunista deste ou de qualquer outro matutino do planeta.”

**Autor:** Xico Sá.

**Naturalidade do autor:** Crato (CE).

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim. Nordeste.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** À mídia/imprensa.

### Notícia 13

**Veículo:** Folha de S. Paulo

**Edição:** 15.fev.2011

**Título:** A oposição se desmancha

**Editoria/Seção:** Mercado

**Trecho:** “O motivo mais imediato da crise é o fato de que a coligação **sudestina** de PSDB-DEM tem quatro candidatos (Aécio, Alckmin, Serra e Kassab) para dois cargos em 2014 (governo paulista e presidente)”

**Contexto:** Na coluna o autor traz as disputas internas nos Partidos da Social Democracia Brasileira (PSDB) e do Democratas (DEM) logo após a posse da presidenta Dilma, que foi eleita derrotando José Serra (PSDB) nas eleições gerais de 2010. O carioca colunista de política e economia do jornal usa o termo *sudestino* para limitar a sua análise dos quadros políticos nos dois partidos e já avistando a próxima eleição geral, em 2014. Não fica claro

se ao mencionar ‘coligação sudestina’ ele delimita ironicamente ambos os partidos não terem representantes de outras regiões, ou se somente sua análise é focada no regionalismo desses partidos.

**Autor:** Vinicius Torres Freire.

**Naturalidade do autor:** Rio de Janeiro (RJ).

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Não.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** A uma coligação política paulista-mineira.

#### **Notícia 14**

**Veículo:** Folha de S. Paulo

**Edição:** 20.out.2013

**Título:** O sertão e muito mais

**Editoria/Seção:** Ilustríssima

**Trecho:** “Luiz Gonzaga se projetou no contexto dessa migração massiva, e desempenhou aí o papel de referencial de cultura, influenciando na coesão psicossocial do migrante e, graças ao sucesso que alcançou no sul, no processo de integração do “baiano” à nova realidade **sudestina.**”

**Contexto:** Prestes a ter inaugurado um museu em sua homenagem, Luiz Gonzaga é tema dessa análise comparativa com Dorival Caymmi de dois Nordeste, um praieiro e outro sertanejo. Esse último, segundo o autor, seria o retrato da tradição que “recria a cultura nordestina para inserir suas formas e conteúdos na sociedade urbano-industrial que então se configurava no país”. O uso do termo sudestino nesse texto pelo antropólogo baiano (que também escreveu o texto citado acima da edição de agosto de 2008 sobre Caymmi) coloca Gonzaga como um embaixador da identidade nordestina no Sudeste, desempenhando um papel “nada insignificante, social e culturalmente, de força anti-desagregadora. Atuando na dimensão dos signos - e em planos de massas, trazendo consigo um universo familiar aos nordestinos, com suas representações conhecidas e seus referenciais nítidos.”

**Autor:** Antonio Risério.

**Naturalidade do autor:** Salvador (BA).

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim. Nordeste.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** Ao cenário que os nordestinos encontravam ao chegar na região Sudeste.

**Notícia 15****Veículo: Folha de S. Paulo****Edição: 5.ago.2014****Título: Vento Nordeste****Editoria/Seção: Mercado**

**Trecho:** “Essa nova realidade ainda está longe de esgotar seus impactos socioeconômicos. O desalento que se percebe em círculos **sudestinos** não é percebido nos nordestinos. Muitas empresas estão de olho na região, principalmente o varejo.”

**Contexto:** Na iminência da campanha eleitoral para as eleições gerais de 2014, esse artigo do colunista sugere que as empresas brasileiras deveriam aproveitar a vantagem do tamanho do país e diversificar geograficamente o seu mercado explorando “esse grande país [Nordeste] de mais de 50 milhões de habitantes e PIB que cresceu 4% nos cinco primeiros meses do ano [2014], ante menos de 1% da média nacional.” É apontado outros indicadores como a renda média do nordestino que teve 30% de aumento real e ao final do texto, o colunista soteropolitano diz que “neste início de corrida eleitoral, o Nordeste precisa ser tema nacional e estadual. A política também está mudando na região”. O autor parece usar o termo **sudestino** no trecho mencionado acima para separar o desalento com a economia visto nos círculos sociais da região Sudeste.

**Autor:** Nizan Guanaes.**Naturalidade do autor:** Salvador (BA).**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim. Nordeste.**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** Círculos de conversa dos habitantes da região Sudeste.**Notícia 16****Veículo: Folha de S. Paulo****Edição: 5.set.2014****Título: Ueba! Aécio com cara de cãibra!****Editoria/Seção: Ilustrada**

**Trecho:** “E que filme eles vão passar no Cine Sabesp? “Vidas Secas”? Rarará! Vamos fazer a transposição das águas do mar pro rio Tietê! E como disse um amigo nordestino: “Daqui a pouco teremos uma migração de **sudestinos**.”

**Contexto:** Ainda na campanha eleitoral das eleições gerais de 2014, o colunista desse artigo faz uma análise cômica das eleições presidencial e para os governos estaduais de Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Esse último, passou em 2014 por uma das maiores crises em seu sistema hídrico. Naquele ano o sistema Cantareira da Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo) registrou queda de mais de 50% do volume de chuvas, esvaziando os reservatórios de água da grande São Paulo.<sup>35</sup> Dois dias antes, a mesma editoria desse artigo publicou a notícia de que o ex-jogador de futebol Raí, em parceria com os seus sócios, estava iniciando uma reforma de dois meses no Cine Sabesp.<sup>36</sup> No trecho aqui analisado, o autor aponta a notícia como uma “piada pronta”: “tem que reformar a Sabesp e não o Cine” e sugere o filme de Nelson Pereira dos Santos homônimo da obra de Graciliano Ramos para passar na sala de cinema da companhia de saneamento do estado. Ao mencionar o termo *sudestino*, ele lembra a fala de um amigo que provavelmente está ironizando a migração nordestina para o Sudeste no século XX.

**Autor:** Amigo nordestino (das aspas) e José Simão (do artigo).

**Naturalidade do autor:** Nordeste e São Paulo (SP), respectivamente.

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim. Nordeste.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** A uma possível migração reversa para fora do Sudeste.

## Notícia 17

**Veículo:** Folha de S. Paulo

**Edição:** 09.jan.2015

**Título:** Marquinhos Mendonça

**Editoria/Seção:** Guia Folha

**Trecho:** “Com dois discos de composições próprias gravados, o multiinstrumentista e arranjador estuda percussão latina com Dinho Gonçalves e ritmos regionais com os grupos Cachuera (tradição **sudestina**) e Cupuaçu (cultura nordestina).”

**Contexto:** Anúncio da apresentação do artista Marquinhos Mendonça junto ao grupo Cachuera, identificado como de ‘tradição sudestina’ e que se define como um coletivo de práticas e estudos das tradições populares de música e dança do Sudeste brasileiro, centrado

<sup>35</sup> Disponível em: <http://site.sabesp.com.br/site/interna/Default.aspx?secaoId=133>. Acesso em: 27 de jan. de 2021.

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/09/1509708-ex-jogador-rai-cria-parceria-para-reformar-cine-sabesp.shtml?cmpid=menutopo>. Acesso em 27 de jan. de 2021.

na divulgação de duas vertentes principais desse repertório: os batuques de terreiro e as congadas.<sup>37</sup> Não foi encontrada a palavra ‘sudestino’ ou ‘sudestina’ em nenhuma postagem da página do grupo Cachuera. A definição de tradição sudestina no texto é contraposto com a do grupo Cupuaçu, identificada como cultura nordestina. Esse último é um grupo paulista criado em 1985 a partir de danças brasileiras e apresenta em seu repertório danças populares tradicionais, canções de criação coletiva, músicas incidentais, cânticos e ladainhas de autoria de seus integrantes, bem como canções de domínio público e pertencentes ao cancioneiro popular de diferentes regiões brasileiras.<sup>38</sup>

**Autor:** Não identificado.

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim. Nordeste.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** À tradição da música.

## Notícia 18

**Veículo:** Folha de S. Paulo

**Edição:** 10.nov.2020

**Título:** Estupros, eleições e apagões

**Editoria/Seção:** Saúde

**Trecho:** Sem luz significa sem água, sem sistema de saúde, sem segurança, sem abastecimento. Aqui, a pressão de **sudestinos** como nós —moradores de estados privilegiados— denunciando que a situação está longe de ser normalizada é imprescindível. #SOSamapa já.

**Contexto:** A cinco dias das eleições municipais de 2020 (adiada por conta da pandemia do novo coronavírus), a autora, doutora em psicologia pela USP, escreve em sua coluna na *Folha de S. Paulo* sobre três acontecimentos que marcaram aquela semana: O julgamento da influencer Mariana Ferrer<sup>39</sup>, as eleições estadunidenses, onde a imprensa interrompeu a transmissão do discurso do ex-presidente derrotado Donald Trump sob acusação de inverdades<sup>40</sup> e a interrupção do fornecimento de energia elétrica que assolou o estado brasileiro do Amapá<sup>41</sup>. Nesse último, a coluna menciona que quase 90% dos amapaenses

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/grupocachuera>. Acesso em: 27 de jan. de 2021

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/GrupoCupuacu>. Acesso em 27 de jan. de 2021.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>. Acesso em: 27 de jan. de 2021.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/eleicoeseua/emissoras-interrompem-transmissao-de-discurso-de-trump-sobre-fraude-eleitoral/>. Acesso em 27 de jan. de 2021.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54843654>. Acesso em 27 de jan. de 2021.



ficaram sem energia elétrica há uma semana e que isso trouxe interrupção de serviços básicos como luz, água, saúde, segurança e abastecimento. O termo *sudestino* é mencionado como uma força de poder dos “moradores de estados privilegiados” e que por isso devem se engajar e colocar pressão no poder público para que a situação seja resolvida.

**Autora:** Vera Iaconelli.

**Naturalidade da autora:** São Paulo (SP)

**O termo *sudestino* é contraposto a outra região brasileira?** Sim. Nordeste.

**A quem ou a que se refere o termo *sudestino*?** Aos habitantes da região Sudeste.

## 7. CONCLUSÃO

Na rápida coleta de dados dos três jornais inicialmente pesquisados, *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de São Paulo*, das 87 ocorrências do termo *sudestino* encontradas, boa parte fazia contraposição ao Nordeste ou era utilizado como referência a um elemento cultural da região, como o forró recriado na mão de moradores do Sudeste, o *forró sudestino*.

Depois de todo o exposto e analisado neste trabalho, é possível perceber que essas mesmas características são recorrentes nas menções ao termo nos textos dos jornais do grupo Folha. Isto é, para utilizar *sudestino* como identificação de uma pessoa ou de algo pertencente ao Sudeste brasileiro em seus textos, foi preciso ao longo de todo esses anos e edições apresentar um contraponto do outro, de outra região. Na maior parte das vezes esse *outro* foram os nordestinos.

O único texto, entre os que utilizaram o termo *sudestino* para referir-se ao Sudeste brasileiro, que não mencionou em nenhum momento outra região do Brasil, aplicando a palavra *sudestino* simplesmente para a produção de conteúdo sobre objetos ou pessoas do Sudeste, foi a notícia 13 escrita pelo colunista carioca<sup>42</sup> Vinicius Torres Freire. Com o título *A oposição se desmancha*, o texto de fevereiro de 2011 do caderno Mercado fala sobre as disputas internas nos Partidos da Social Democracia Brasileira (PSDB) e do Democratas (DEM) logo após a posse da presidenta Dilma. Ao chamar de *coligação sudestina* a aproximação entre Aécio Neves (PSDB-MG), Geraldo Alckmin (PSDB-SP) e José Serra (PSDB-SP) com Gilberto Kassab (então DEM-SP) não fica claro para o leitor se o autor está ironicamente apontando que ambos os partidos não têm representantes de outras regiões nesse arranjo para uma disputa ao Palácio do Planalto ou se sua análise é somente focada no capítulo regional desses partidos.

De todo modo, Freire foi o único entre os 17 a não se referir a outra região do país. Nos outros, em 78% dos textos o termo *sudestino* foi contraposto em referência à região Nordeste ou a um nordestino. Essa descoberta condiz com o que é exposto no capítulo 5.1 deste trabalho, onde apresento autores que mostram que para uma identidade existir ela precisa ser relacionada a outra.

---

<sup>42</sup> Disponível em: <https://folhapress.folha.com.br/paginas/galerias/colunistas/viniustorresfreire/index.shtml>. Acesso em: 15 de jan. de 2021.

Mais de 70% dos autores dos textos do grupo Folha que mencionam o termo *sudestino*, e nos quais foi possível identificar o autor, são pessoas naturais da região Nordeste. Em dois deles, a notícia 8 e a notícia 16 dos meses de novembro/2007 e de setembro/2014 respectivamente, os autores dos textos são naturais do Sudeste, mas a palavra *sudestino* é inserida no texto por entrevistados ou fontes externas, ambos identificados como nordestinos.

Estes números podem corroborar com estudos futuros que analisem, por exemplo, quem são as pessoas que acabam utilizando o termo na esfera pública. Muitas vezes, seja em jornais ou nas redes sociais, o termo acaba sendo utilizado de forma crítica, delimitando um espaço entre *o eu e o outro* discutidos neste trabalho. O *outro* apontando que o *eu* também é um ser identificável através de estereótipos.

A análise das ocorrências (capítulo 6.1) mostrou que a palavra *sudestino* referiu-se a diversos temas nas vezes em que apareceu nos veículos do grupo Folha. Os autores abordaram desde os moradores do Sudeste, assunto que foi o mais referido, até o estilo de vida *sudestino* (notícia 14), passando pelo *forró sudestino* (notícia 4). Xico Sá, o autor que mais utilizou o termo ao longo desses 100 anos de grupo Folha, referiu-se a elementos da mídia em seus três textos: à imprensa (notícias 10 e 12) e à audiência (notícia 11), sempre no caderno de Esporte.

Outro estudo que pode ser feito a partir dos dados expostos neste trabalho é sobre o histórico das ocorrências nos jornais do grupo Folha. O primeiro texto a utilizar *sudestino* referindo-se ao Sudeste brasileiro foi na década de 90 (notícia 2), após isso, ele foi mais utilizado na primeira década deste século, mais precisamente entre 2008 (notícias 9 e 10) e 2009 (notícias 11 e 12), com duas ocorrências para cada ano. O estudo pode investigar os motivos que levaram os autores a utilizarem o termo nos jornais.

Para além dos objetivos e objeto pontual deste trabalho, o termo *sudestino* vem sendo cada vez mais utilizado no contexto de debates sobre as identidades e afirmação culturais não somente do Nordeste. Ele vem sendo apresentado de forma crítica para mostrar a singularidade de outras regiões do país, como a região Norte<sup>43</sup>. Por isso, esse estudo acaba se relacionando a diversos fenômenos culturais e correntes recentes em discussões para além da desigualdade informacional e atingindo outros campos, como a desigualdade de oportunidades e de conhecimento.

---

<sup>43</sup> BARBOSA, Mário Médice. Entre a filha enjeitada e o paraensismo: as narrativas das identidades regionais na Amazônia paraense (tese de Doutorado em História Social). 2010.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985.
- ALBUQUERQUE Jr., D. M. de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- ALENCAR Jr., U. N. Profissão Repórter: um estudo de caso das representações sobre o nordeste brasileiro. 2015. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- ARRETICHE, M. Trazendo o conceito de cidadania de volta: a propósito das desigualdades territoriais. **Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**. São Paulo: Editora Unesp, p. 193-222, 2015.
- ATLAS DA NOTÍCIA. Os desertos de notícia no Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br>. Acesso em: 15 jan. 2020.
- BARBOSA, M.; ENNE, A. L. O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional. **Revista ECO-Pós**, v. 8, n. 2, 2005.
- BAUDRILLARD, J. Simulacros e simulação. 1991.
- BHABHA, H. A questão do 'outro': diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. IN: BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa (org.), **Pós-Modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1992.
- BOURDIEU, P. A representação política. Elementos para uma teoria do campo político IN: **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1990.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília: Secom, 2015.
- CAEIRO, R. M. P. Transexualidade (s) e travestilidade (s) no jornalismo: uma análise discursiva das notícias produzidas em Pernambuco pelo Aqui PE e Jornal do Commercio. 2016. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal de Pernambuco.
- DANTAS, M. O espetáculo do crescimento: a indústria cultural como novo motor de desenvolvimento na atual fase do capitalismo mundial. In: **Produção de conteúdo nacional para mídias digitais**, Brasília: SAE, 2011. p. 216.
- DA SILVA, G. F.; JÚNIOR, S. da S. M. A construção do sujeito em Michel Foucault. *Entre Letras*, v. 7, n. 1, p. 200-210, 2016.
- DA SILVA, T. T. et al. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.
- DURKHEIM, E. Representações Individuais e Representações Coletivas. *Filosofia e Sociologia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194

FARR, R. As raízes da moderna psicologia social. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

FERREIRA, G. M. Uma proposta metodológica para o estudo da imprensa a partir das mutações na problemática da análise do discurso. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 8, n. 1, 2006.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1999.

GUIMARÃES, A. S. Classes, raças e democracia. São Paulo: Editora 34, 2002

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

\_\_\_\_\_. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, L. (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 25-50.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). 2018

KLAPPER, J. T., Os Efeitos da Comunicação de Massa, tradução de Amélia Cohn. In: COHN, Gabriel (Org.), **Comunicação de Massa e Indústria Cultural**, 4ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978.

LIPPMANN, W. Opinião Pública. Ed. Vozes. Petrópolis, 2008.

MARQUES, E. Condições habitacionais e urbanas no Brasil. **Trajetória das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**, 1ª Ed., São Paulo: Editora Unesp, p. 223–248, 2015.

MEIRELLES, P.; DANTAS, M. A. F. Quem são os ‘sudestinos’ no twitter?, Niterói, RJ, 2021. No prelo.

MENESES, V. D. Cenário da programação de TV regional aberta no Brasil: desafios e perspectivas. 2010. 362 f., il. **Tese (Doutorado em Comunicação)** - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Brasil e os brasis na televisão regional aberta**. Palmas: EdUFT, 2015

\_\_\_\_\_; MONTORO T. S. Regionalidade na programação de televisão no Brasil. In: \_\_\_\_\_. GHIZONI, L. D. (Org.). **Pesquisa em comunicação e sociedade: da diversidade das narrativas à diversidades dos processos**. Palmas: EdUFT, 2019. p. 49-60.

MIGUEL, L. F. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 55-56, p. 155-184, 2002.

MORAES, D. et al. Mídia, Poder e Contrapoder: da concentração monolítica a democratização da informação, 2013. São Paulo: Boi Tempo; Rio de Janeiro - Faperj.

- MORAES JÚNIOR, E.; ANTONIOLI, M. E. Jornalismo e Newsmaking no Século XXI: Novas formas de produção jornalística no cenário online. In: **Revista Alteior**, v. 14, n. 2, p. 43-52, 2016.
- MORIGI, V. J. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. In: **E-Compós**. 2004.
- MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- NOELLE-NEUMANN, E. Pesquisa Eleitoral e Clima de Opinião. **Opinião Pública**. Ano I, vol. 1, nº 2, dez. 1993.
- PINTO, P. A. Mídia regional: nem menor, nem maior, um elemento integrante do sistema midiático do Brasil. **Revista Ciberlegenda**, v.29, p. 97 - 105, 2013.
- RECUERO, R. O twitter como esfera pública: como foram descritos os candidatos durante os debates presidenciais do 2º turno de 2014?. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 16, n. 1, p. 157-180, 2016.
- RIBEIRO, D. O que é lugar de fala?. Letramento Editora e Livraria LTDA, 2017.
- ROMANCINI, R. História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis RJ: editora vozes, p. 23-47, 2007.
- RUFINO, L. Pedagogia das encruzilhadas. Mórula Editorial, 2019.
- SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG (2010 [1985])
- VALENTE, A. Neologia na mídia e na literatura: percursos linguístico-discursivos. Rio de Janeiro: Quarter, 2011.
- VERON, E., L' analyse du contrat de lecture : pour une nouvelle méthode pour les études de positionnement des supports presse, in **Les médias, expériences, recherches actuelles, applications**, Paris, IREP, 1983.
- VERON, E., La semiosis sociale fragments d une théorie de la discursivité, Saint-Denis, Presse. Universitaires de Vincennes, 1987.
- WACHELKE, J. F. R.; CAMARGO, B. V. Representações sociais, representações individuais e comportamento. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, v. 41, n. 3, p. 379-390, 2007.
- WAGNER, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. **Estudos interdisciplinares de representação social**, v. 2, p. 3-25, 1998.
- WEBER, C. T. Gatekeeper e gatewatching: repensando a função de selecionador no webjornalismo. **Intercom Sul**, 2010.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Org. Tomaz Tadeu da Silva, Kathryn Woodward, Stuart Hall. Petrópolis-RJ, Vozes, 2000.

## APÊNDICE A - QUADRO RESUMO DAS OCORRÊNCIAS

#	Mês	Ano	Caderno	Naturalidade do(a) autor(a)	Contrapõe-se a outra região?	Qual região	Sudestino refere-se a que?
1	agosto	1941	Internacional	-	Não	-	Trem
2	abril	1995	Painel do leitor	São Paulo, SP	Sim	Sul	Estados
3	maio	1998	Cotidiano	Recife, PE	Sim	Nordeste	Políticos
4	julho	2001	Guia Folha	-	Sim	Nordeste	Forró
5	janeiro	2002	Esporte	São Paulo, SP	Sim	Norte a Sul	Não-sudestinos
6	maio	2003	Mais!	Recife, PE	Sim	Nordeste	Revolucionários
7	agosto	2006	Esporte	São Paulo, SP	Sim	Norte/ Nordeste	Moradores do Sudeste
8	novembro	2007	Ilustrada	São Paulo/ Cajazeira, PB	Sim	Nordeste	Sotaque
9	agosto	2008	Cotidiano	Salvador, BA	Sim	Nordeste	Moradores do Sudeste
10	setembro	2008	Esporte	Crato, CE	Sim	Nordeste	Imprensa
11	fevereiro	2009	Esporte	Crato, CE	Sim	Nordeste	Moradores do Sudeste
12	março	2009	Esporte	Crato, CE	Sim	Nordeste	Imprensa
13	fevereiro	2011	Mercado	Rio de Janeiro, RJ	Não	-	Coligação política
14	outubro	2013	Ilustríssima	Salvador, BA	Sim	Nordeste	Estilo de vida
15	agosto	2014	Mercado	Salvador, BA	Sim	Nordeste	Círculos de conversa - Debate
16	setembro	2014	Ilustrada	São Paulo, SP/ Amigo nordestino	Sim	Nordeste	Moradores do Sudeste
17	janeiro	2015	Guia	-	Sim	Nordeste	Tradição
18	novembro	2020	Saúde	São Paulo, SP	Sim	Norte	Moradores do Sudeste

## ANEXO A - DESCRIÇÃO DAS EDITORIAS E SEÇÕES DO GRUPO FOLHA

Somente editorias e seções mencionadas neste trabalho.

<i>Editoria/Seção</i>	<i>Descrição</i>
Cotidiano	O caderno Cotidiano faz a cobertura dos principais fatos nas áreas de educação, urbanismo, violência, saúde pública, ambiente, administração pública e comportamento. <sup>44</sup>
Esporte	Um dos mais premiados veículos de jornalismo esportivo do país, também reconhecido pelo olhar crítico e investigativo, que trata o tema com seriedade, mas sem perder o bom humor. <sup>44</sup>
Guia Folha	O Guia Folha é o mais completo roteiro semanal de lazer e gastronomia de São Paulo. Publicado às sextas-feiras, acompanha os exemplares da Folha que circulam na Grande São Paulo. De forma organizada, o guia traz as dicas de lazer e de eventos culturais da cidade para o leitor escolher seu programa preferido. <sup>45</sup>
Ilustrada	O caderno Ilustrada traz a cobertura completa de cultura, artes e espetáculos. É o mais completo de seu segmento e tem entre seus colaboradores os mais respeitados articulistas e colunistas do jornalismo cultural do País. <sup>44</sup>
Ilustríssima	Ilustríssima é aberta à discussão dos grandes temas da cultura no Brasil e no mundo. O caderno acompanha a produção artística e intelectual em ensaios e reportagens sobre arte, ciência e humanidade, em linguagem clara e sem jargões. Circula todo Domingo. <sup>44</sup>
Internacional/Mundo	O caderno Mundo busca informar o leitor sobre os principais acontecimentos políticos e sociais no exterior. Textos analíticos e didáticos acompanham as principais notícias, de modo a assegurar ao leitor entendimento preciso sobre o conteúdo do noticiário e suas implicações no contexto de cada país ou região. <sup>44</sup>
Mais!	Veículo que existiu entre 1992 e 2010 criado para reunir em um só lugar dois produtos do jornal: “Ciência” e “Letras”. <sup>46</sup>
Mercado	O caderno Mercado traz as principais decisões da política

<sup>44</sup> Disponível em: <http://www.publicidade.folha.com.br/folha/cadernos/>. Acesso em 25 de fev. de 2021.

<sup>45</sup> Disponível em: <http://www.publicidade.folha.com.br/revistaseguias/guiafolha/>. Acesso em 25 de fev. de 2021.

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1605201011.htm>. Acesso em 25 de fev. de 2021.  
Redação do autor.



	econômica, os grandes negócios nacionais e globais e as principais alterações no panorama econômico mundial e seus reflexos no Brasil. <sup>44</sup>
Opinião	Espaço de editoriais do jornal. <sup>47</sup>
Painel do Leitor	Canal onde o leitor expressa sua opinião sobre os acontecimentos do dia a dia. <sup>48</sup>
Saúde	A seção traz todas as informações relevantes sobre a área, além de dicas para os leitores sobre como se manterem saudáveis. <sup>44</sup>

---

<sup>47</sup> Redação do autor.

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/falecomafolha/>. Acesso em: 25 de fev. de 2021. Redação do autor.